

Organizadores
Valéria da Silva Trajano
Jonathan Oliveira
Mauro Campello
Antonio Gonçalves

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS

durante a
PANDEMIA



EDIÇÕES LIVRES

Organizadores
Valéria da Silva Trajano
Jonathan Oliveira
Mauro Campello
Antonio Gonçalves

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS

durante a
PANDEMIA



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

IOC

Instituto Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

Fundação Oswaldo Cruz

Presidente

Nísia Trindade Lima

Vice-presidente de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde

Marco Antonio Carneiro Menezes

Vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação

Cristiani Vieira Machado

Vice-presidente de Gestão e Desenvolvimento Institucional

Mario Santos Moreira

Vice-presidente de Pesquisa e Coleções Científicas

Rodrigo Correa de Oliveira

Vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde

Marco Aurelio Krieger

Instituto Oswaldo Cruz

Diretor

José Paulo Gagliardi Leite

Vice-diretor de Pesquisa, Desenvolvimento Tecnológico e Inovação

Jonas Enrique Perales Aguilar

Vice-diretora de Laboratórios de Referência e Coleções Biológicas

Elizabeth Ferreira Rangel

Vice-diretor de Ensino, Informação e Comunicação

Marcelo Alves Pinto

Vice-diretora de Desenvolvimento Institucional e Gestão

Wania Regina Tolentino Santiago

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde

Diretor

Rodrigo Murтинho

Vice-diretor de Pesquisa, Ensino e Desenvolvimento Tecnológico

Christovam Barcellos

Vice-diretora de Informação e Comunicação

Tânia Cristina Pereira dos Santos

Vice-diretor de Desenvolvimento Institucional

Jacques Sochaczewski

Organizadores
Valéria da Silva Trajano
Jonathan Oliveira
Mauro Campello
Antonio Gonçalves

EXPRESSÕES ARTÍSTICAS

durante a
PANDEMIA

Rio de Janeiro
2021

1ª Edição: Edições Livres, 2021

Coordenação Geral

Valéria da Silva Trajano

Coordenação Editorial

Valéria da Silva Trajano

Jonathan Oliveira

Mauro Campello

Antonio Gonçalves

Revisão

Shirley Figueiredo Ayres

Capa e Projeto Gráfico

Mauro Campello

Editoração Eletrônica

Multimeios | Icict | Fiocruz

Organização

Valéria da Silva Trajano

Jonathan Oliveira

Mauro Campello

Antonio Gonçalves

Este livro foi publicado de acordo com a Política de Acesso Aberto ao Conhecimento da Fiocruz. Os textos constantes nesta publicação podem ser copiados e compartilhados desde que: não sejam utilizados para fins comerciais e que seja citada a fonte e atribuídos os devidos créditos. Distribuição gratuita.



Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca de Manguinhos / ICICT / FIOCRUZ - RJ

E96 Expressões artísticas durante a pandemia / Organizadores, Valéria da Silva Trajano, Jonathan Oliveira, Mauro Campello, Antônio Gonçalves. – Rio de Janeiro : Edições Livres, 2021. 132 p. : il.

ISBN: 978-65-87663-02-9 (brochura)

978-65-87663-03-6 (eBook)

DOI: doi.org/10.29327/528617

Projeto desenvolvido pelos Programas de Pós-Graduação em Ciência, Arte e Cultura na Saúde (CACs/IOC/FIOCRUZ), e em Ensino em Biociências e Saúde (EBS/IOC/FIOCRUZ), em parceria com o Multimeios (ICICT/FIOCRUZ).

1. Arte. 2. Ciência e Arte. 3. Pandemia. I. Trajano, Valéria da Silva. II. Oliveira, Jonathan. III. Campello, Mauro. IV. Gonçalves, Antônio. V. Instituto Oswaldo Cruz. VI. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde.

CDD 700.103

Desde o surgimento do novo Coronavírus, vivemos novos tempos. As mudanças ocorridas na sociedade geraram um grande impacto em nosso olhar sobre o mundo e em nossas relações interpessoais. Esse novo vírus surge em um mundo tecnológico, no período da história humana em que enfrentávamos os efeitos da apatia social e da dificuldade de socialização.

Estamos na era da internet, que nos proporciona rapidez na troca de informações de diferentes temas relacionados à pandemia, por exemplo: tratamentos, desenvolvimento de vacinas e dados epidemiológicos. No entanto, veio com isso uma avalanche de desinformação e de notícias falsas. Apesar dos avanços tecnológicos, as estratégias de mitigação do contágio do novo vírus remontam às mesmas que foram, no passado, aderidas no controle de outras pandemias, tais como: a higienização constante das mãos, o uso de máscara, o isolamento e o distanciamento social.

Muitos artistas inspiraram-se nesses momentos críticos da humanidade, e tiveram na arte o seu refúgio perante a tristeza, a solidão e as dificuldades enfrentadas nas pandemias. As expressões artísticas têm uma longa história de diálogo com acontecimentos trágicos da raça humana, exemplos disso, são artistas como: Tintoretto, Bruegel e Bocklin, que pintaram obras relacionadas à Peste Negra; Sandro Botticelli, Edvard Munch e Alice Neel, com obras referentes à tuberculose; Klimt e Munch, que pintaram obras relativas à gripe espanhola; e, por fim, Keith Haring, David Wojnarowicz e Félix González-Torres que se debruçaram sobre o tema do HIV/Aids, utilizando do grafite, da fotografia e da instalação artística como instrumentos de denúncia e de reflexão.

Com base em nosso novo tempo e com o advento de novas maneiras de expressões artísticas, como *lives* e *performances* via internet, gostaríamos de resgatar e registrar outros processos criativos desenvolvidos durante a pandemia, como a poesia, os desenhos, as ilustrações e as reflexões. Como dito por Arthur Schopenhauer no livro *As Dores do Mundo* (1850):

A arte é uma redenção – Ela livra da vontade e portanto da dor –
Torna as imagens da vida cheias de encanto – A sua missão é reproduzir- lhe todas as cambiantes, todos os aspectos – Poesia lírica – Tragédia, comédia – Pintura – Música; a ação do gênio é aí mais sensível do que noutra arte.

Com o objetivo principal de reunir e divulgar os trabalhos artísticos que expressaram sentimentos e emoções durante o período da pandemia causada pelo novo Coronavírus, o projeto do livro *“Expressões Artísticas durante a Pandemia”* é uma obra coletiva, fruto da parceria entre a Coordenação do Curso de Pós-graduação *Lato sensu* Ciência, Arte e Cultura na Saúde (CACS) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/FIOCRUZ) e o Multimeios do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/FIOCRUZ), que apresenta criações de estudantes, professores e pesquisadores de ensino, ciências e artes.

O projeto foi desenvolvido pelos Programas de Pós-graduação *Lato sensu* Ciência, Arte e Cultura na Saúde (CACS/IOC/FIOCRUZ) e *Stricto sensu* em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEB/IOC/FIOCRUZ), e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

Coordenação do projeto



sobre OS ORGANIZADORES

Valéria da Silva Trajano

Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Gama Filho (1990). Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Biologia Parasitária do Instituto Oswaldo Cruz (1998). Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde, do Instituto Oswaldo Cruz (2008). Docente I - da Secretaria do Estado de Educação (SEEDUC) do estado do Rio de Janeiro, desde 1998. Técnica em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, desde 1987, lotada no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos. Coordenadora do curso de Pós graduação *Lato sensu* em Ciência, Arte e Cultura na Saúde, desde 2010. Docente do Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* em Ensino em Biociências e Saúde, no Instituto Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz. Coordenadora do Núcleo em Ensino, Ciências, Espiritualidade e Saúde. Atua nas linhas de pesquisa: Ensino formal e não formal em Biociências e Saúde, Ciência e Arte, Espiritualidade, Religiosidade e Práticas Integrativas e Complementares em Saúde.

Jonathan Oliveira

Graduação em Ciências Biológicas pela Unigranrio (2011). Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Biodiversidade e Saúde, do Instituto Oswaldo Cruz (2014). Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Genética da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019). Bolsista do Programa de Pesquisa Translacional pela Rede FioPromoS e integrante da Equipe de Promoção da Saúde da Vice-presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Atua na linha de pesquisa de zoonoses de pequenos mamíferos silvestres, em parceria com o Laboratório de Hantaviruses e Rickettsioses /IOC-FIOCRUZ e o Laboratório de Biologia e Parasitologia de Mamíferos Silvestres Reservatórios/IOC- FIOCRUZ.

Mauro Campello

Graduação em Comunicação Visual pela Faculdade da Cidade/RJ(1992). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz. Coordenador do Fiocruz Imagens, banco de imagens da Fundação Oswaldo Cruz. Editor de Arte do periódico científico eletrônico *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde* (RECIIS). Tecnologista em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz desde 2002. Trabalha como Designer no Multimídios do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT/FIOCRUZ), atuando nos campos da Comunicação e Informação com ênfase em Projetos Expositivos, Saúde Pública, Projetos editoriais, Artes Plásticas e Imagem Digital.

Antonio Gonçalves

Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Gama Filho (1992). Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Biologia Parasitária, do Instituto Oswaldo Cruz (1999). Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Biologia Celular e Molecular, do Instituto Oswaldo Cruz (2013). Técnico em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. Professor da disciplina Parasitologia Médica, da Universidade Gama Filho (1995-2013) e Universidade Estácio de Sá desde 2015. Atua nas linhas de pesquisa em Parasitologia, Imunologia, Quimioterapia e desenvolvimento de vacina de DNA, pesquisando principalmente nos seguintes temas: *Trypanosoma cruzi*, *Leishmania sp*, Arboviroses, Enteroparasitoses, no laboratório Interdisciplinar de Pesquisas Médicas/IOC-FIOCRUZ e Educação em Saúde em parceria com o Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos - IOC/FIOCRUZ.

"A ARTE É BELA QUANDO AS MÃOS,
A CABEÇA E O CORAÇÃO TRABALHAM JUNTOS."

JOHN RUSKIN

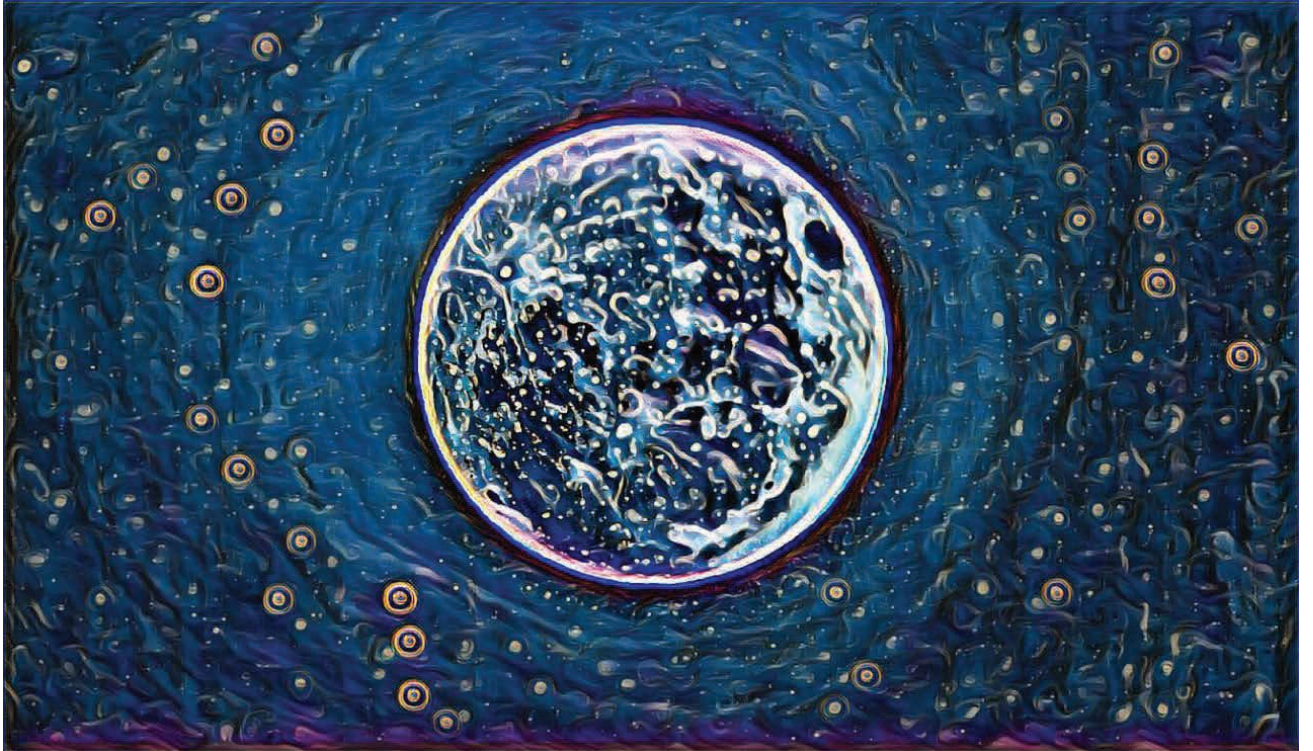
A arte sempre esteve presente, de diferentes formas, na história da civilização, seja relacionada às crenças, à adoração, à reverência ou à magia. Não importa a maneira como ela se manifesta, a arte se mostra como uma fuga para a sobrevivência humana. Nos tempos de pandemia, a arte tem sido ofertada ao público de diversas maneiras, como, por meio de espetáculos musicais, teatrais, conferências e por aberturas de museus no Brasil e no mundo, todos *on-line*, no contexto digital. Por quê? Porque em momentos difíceis e complexos da história, a arte sempre esteve presente, retratando o passado, o presente e o futuro, nos convidando a refletir. As manifestações artísticas sustentam a esperança, consolam, elevam o espírito, inspiram e nos ensinam que vale a pena viver e seguir em frente.

Esta obra traz em seu cerne expressões artísticas desenvolvidas por um grupo seletivo, que durante a pandemia de Covid-19 esteve lutando, pensando e repensando como manter acesa a chama da vida. Esse grupo de pessoas singulares, entre elas servidores, estudantes de pós-graduação e de instituições parceiras, compõe a comunidade da Fundação Oswaldo Cruz. Uma instituição que, desde a sua criação, estuda saúde e doença e que está impregnada de arte personificada no seu imponente castelo. O nosso desejo é levar a cada leitor um pouco das experiências e vivências, convidando-os a se emocionar, se inspirar e refletir sobre o ontem, o hoje e o amanhã.

Valéria da Silva Trajano



OBSERVAÇÃO NA QUARENTENA
FOTOGRAFIA DIGITAL POR TELESCÓPIO
SABRINA CRISTINA BASTOS TEIXEIRA



OBSERVAÇÃO NA QUARENTENA
ILUSTRAÇÃO DIGITAL COM BASE EM FOTOGRAFIA
SABRINA CRISTINA BASTOS TEIXEIRA



EXPEDIÇÃO BOTÂNICA À MINHA GELADEIRA: *CITRUS RETICULATA*
ILUSTRAÇÃO EM AQUARELA SOBRE PAPEL
DULCE NASCIMENTO



EXPEDIÇÃO BOTÂNICA À MINHA GELADEIRA: RHODODENDRON SP.
ILUSTRAÇÃO EM AQUARELA SOBRE PAPEL
DULCE NASCIMENTO





CRISTAL COM OS MENINOS
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM E AQUARELA
DALILA SANTOS

A sociedade pensa que o navio negreiro
ficou no século passado,
mas o sistema carcerário
se estabeleceu como o navio negreiro
institucionalizado, atualizado.
No passado, o chicote soava,
a senzala cheia,
suor, sangue, dor, corrente.
No presente, celas superlotadas,
doenças, desumanização,
ranger de portas, alienação.
Auxílio reclusão,
ao contrário do que dizem,
não é para todos,
exige condicionalidade.
E na sociabilidade,
o real e o imaginário se contradizem.
A cor da pele
como determinante
da ascensão
ou da opressão.
E o navio negreiro repaginado,
continua superpovoado
de dor, de sangue e de exclusão.



REPAGINADO
PINTURA ACRÍLICA SOBRE PAPEL
JANILDA PINHEIRO DE SOUZA

Menino vem cá!
Grita tia Donga:
Na rua não pode ficar
O menino retrucou:
Tia não estou na rua
Estou no pé do pilão
O rádio toca bem alto:
Use máscara e lave as mãos
Tia Donga não entendeu
Como tudo aconteceu
O rádio repete o refrão
Use a máscara e lave as mãos
Ventinho nada gostou
Na praia não pode ir
Agora o dia é longo
Da vontade de dormi.
Tia Donga mexia o angu
Falando com suas panelas:
Oxente, me diz meu barro
Que diabos é essa peste?
Ventinho sorriu achou graça
Resolveu então explicar:
A doença chama Covid
Passa até pelo ar
A mão com água e sabão
Pode o vírus matar
Com a máscara não pego e não levo
Na rua tem que usar
É melhor ficar quietinho
Até a vacina chegar
Tia Donga parou e sorriu
Gostou da explicação
Quem entende obedece
Não apanha como o pilão.



BRASIL ATENTO
PINTURA ACRÍLICA SOBRE PAPEL
JANILDA PINHEIRO DE SOUZA



POSTURA DA GARÇA
FOTOGRAFIA DIGITAL
ISABEL PRADO E LETÍCIA PERUCCI



KAN LAI: CUMPRIMENTO DO TAI CHI CHUAN
FOTOGRAFIA DIGITAL
ISABEL PRADO E LETÍCIA PERUCCI

C F
Num momento tão difícil...

G
Com singelas palavras

C F
Vocês me doaram carinho e afeto

G C
Me fortaleceram, cuidaram de mim, transmitiram

F G
A energia do pôr do sol

C
Do nascer da lua,

F G C
das ondas do mar ar, ar...

F G
Esse carinho fortalece as nossas raízes

C F G
Emociona, desperta a criação e a sensibilidade

C F G C
Que existe em cada um de nós ós, ós...

F G C
Quero compartilhar essa troca, semear em cada coração

F G C F
Amor para ser cultivado, carinho para ser doado

G C F G
Solidariedade para cuidar dos corações aflitos, dos corações sem fé,

C F G C
dos corações amargurados, dos corações sem esperança, ah, ah...

F
Vocês são tão especiais

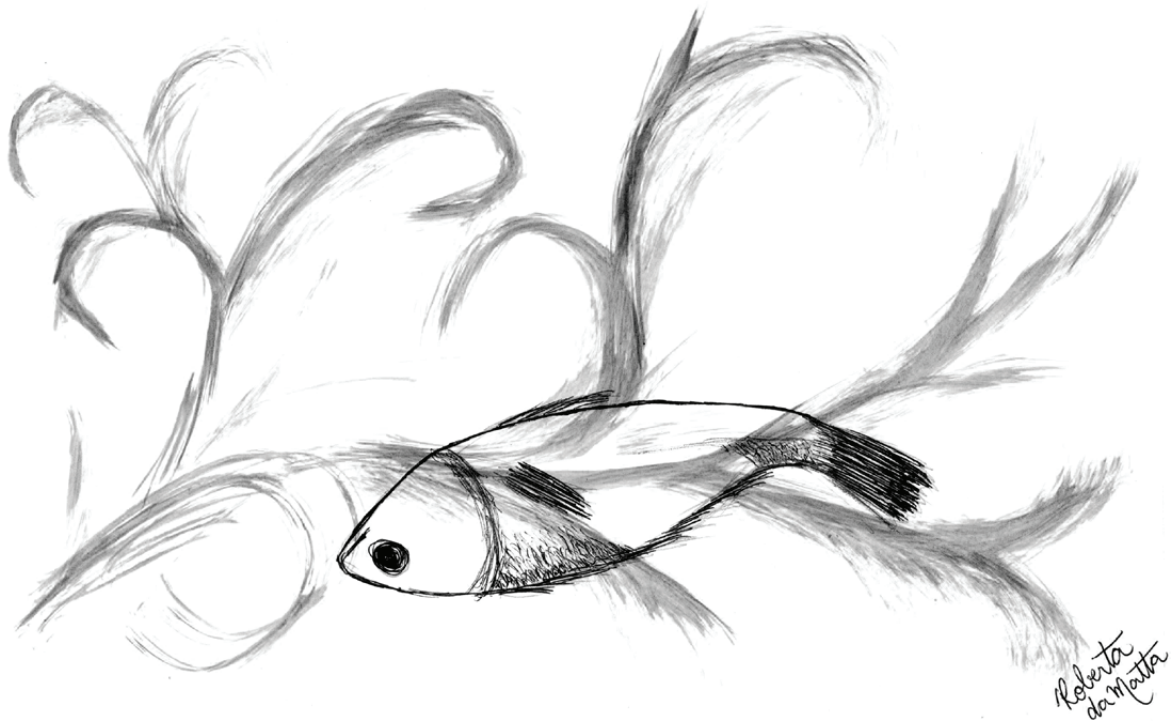
G C F
Vocês disseminaram as sementes do amor e do conhecimento

G C
Me orgulho muito disso, recebam o meu abraço

F G C F C
O meu amor fraterno por cada um de vocês



EU TENHO UM JARDIM
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM SOBRE PAPEL
SERGIO MAGALHÃES



Se o peixe cai do céu,
Muita coisa está mudada
Em tempo de reclusão,
A natureza é observada!

TRIBUTO AO PEIXE
TÉCNICA MISTA - CANETA ESFEROGRÁFICA E AQUARELA SOBRE PAPEL

PEIXE EM QUARENTENA
POEMA EM VERSOS
ROBERTA RODRIGUES DA MATTA



O PEIXE
FOTOGRAFIA DIGITAL DO PEIXE CÁIDO DO "CÉU"
ROBERTA RODRIGUES DA MATTA



#TAPUXADO
FOTOGRAFIA COM COLAGEM DIGITAL
RAQUEL PORTUGAL



2020

MEXAS



2020

Méxas

SILÊNCIO PANDÊMICO
COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA
RODRIGO DA CUNHA MÉXAS



2020

MEXAS

FUGAS URBANAS
COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA
RODRIGO DA CUNHA MÉXAS



ABSTRAÇÕES PANDÉMICAS
COMPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA
RODRIGO DA CUNHA MÉXAS

Tem dias que a única coisa que queremos dos outros é distância. Somos rodeados de todo tipo de gente e mesmo daquelas pessoas que a nossa boa educação nos ensina a tratar bem, tudo que eu queria é mantê-las longe de mim. Em contrapartida, existem aquelas pessoas que são muito queridas, que pensam como nós, que nos inspiram, que respeitam nossos momentos e que se quisermos nos isolar, elas nos entendem só pelo olhar. Com essas pessoas, mesmo em dias difíceis, eu adoraria conviver todos os dias.

Existem também aquelas pessoas que são como domingos e feriados, que encontrá-las uma vez por semana até vai, mas todo dia, não há quem aguente. Já tem outras, que as circunstâncias da vida não nos permitem encontrar, seja pelas agendas que não batem ou por imprevistos no dia marcado, mas quando nos encontramos é como se fosse ontem, parece que retomamos o fio da meada da vida de onde parou e mesmo que nós nos esforcemos para conviver mais, a vida agitada não nos permite.

A grande questão é que esse vírus me fez perceber que, na verdade, eu prefiro a proximidade que a distância, e que essas interpretações sobre como as pessoas são não fazem sentido quando não há escolha sobre quem encontrar ou quando encontrar. Descobri que eu gosto mais de gente do que eu imaginava e que a convivência com cada pessoa me traz um aprendizado de vida diferente.



PONTO DE LUZ
FOTOGRAFIA DIGITAL
PATRÍCIA CASTRO FERREIRA



MOVIMENTO DE RISCO
FOTOGRAFIA DIGITAL
PATRÍCIA CASTRO FERREIRA



PANDÊMICO
FOTOGRAFIA DIGITAL
PATRÍCIA CASTRO FERREIRA

Diante do passado dessa nação sofrida
Quero relembrar as tradições presentes
Felicidade de corpo e de mente
Dádivas dos ancestrais permanentes
Que dizer do rebolado da mulher brasileira
Da feijoada no prato, às sextas-feiras
Da religiosidade africana certa
Da capoeira e do samba, retrato da negritude brasileira
Do cuidado das plantas medicinais e curandeiras
Do cultivo das raízes e frutos por toda extensão brasileira
Das pajelanças e do respeito às terras brasileiras
Os que preservam as matas e as riquezas brasileiras
Que são os nativos guardiões da flora e fauna brasileira
O europeu trouxe a cultura da terra distante
A culinária requintada e elegante
No reinado, a ciência instigante
A língua portuguesa reinante
Essa terra abençoada, onde o Sol brilha constante
Mistura de povos de toda a origem itinerante
Traz a alegria e os saberes de mundos distantes
Essa é a mistura do meu Brasil verdejante!!



DESINTEGRADO
FOTOGRAFIA DIGITAL
PATRÍCIA CASTRO FERREIRA



ISOLAMENTO
FOTOGRAFIA DIGITAL
PATRÍCIA CASTRO FERREIRA

Nas tardes em que a primavera nos vem visitar
As flores perfumam os olhos daqueles que não as podem cheirar
Quando o azul do céu invade o horizonte
E o Sol nasce na vertical para aqueles que na linha do horizonte o aguardam
E aí que se renovam as esperanças desses que um dia já de tudo puderam tocar
Já de tudo puderam fazer, mas nem tudo puderam valorizar.
A luz faz sua hora de visita mesmo em meio a nuvens,
Pois a sua luminosidade entra no quarto mesmo quando o céu chora.
E é nesse instante que aqueles que ainda desfrutam a virtude
De simplesmente não ter o olhar vago ou a mente fora de sintonia. Ah, estes!
Quando percebem que mesmo sem ter que desafiar novamente a gravidade
Tendo que redescobrir seu ponto de equilíbrio, é que tais
Podem caminhar até a janela com os olhos e sentir o ar puro
Ao ouvir, mesmo que distantes ou com buzinas e bipes de alerta,
O canto de liberdade dos passarinhos, que um dia eles já tiveram.



VIVO
FOTOGRAFIA DIGITAL
PETER ILICIEV



NOVO NORMAL
FOTOGRAFIA DIGITAL
PETER ILICIEV



FÉ
FOTOGRAFIA DIGITAL
PETER ILICIEV



QUANTOS MAIS?
FOTOGRAFIA DIGITAL
PETER ILICIEV



DEZEMBRO DE 2020
FOTOGRAFIA COM INTERVENÇÃO DIGITAL
ANTONIO GONÇALVES E MAURO CAMPELLO

Em dezembro de 2020 a covid-19 me pegou!
Neste momento eu parei, gelei, chorei, e agora o que que eu faço?
Fui golpeado por um grande medo, um pavor muito grande. Perdi pessoas próximas para essa doença, será a minha vez?
Veio o temor, o pânico e todos os fantasmas retornaram com muita força e me transportaram para o ano de 2015 quando adoeci, toda aquela angústia veio à tona. E os meus planos, será tudo em vão?
Durante esse momento, sem perceber viajei, uma viagem longa, profunda e densa dentro de mim.
Estive em lugares que não queria passar, sentimentos esquecidos ou mesmo escondidos voltaram com uma força bruta, culpas de estimação guardadas nas esquinas da alma.
Definitivamente, eu não quero ficar lá, eu quero retornar, mas a casa se esconde de mim... quero me encontrar, mas como sair se eu não encontro o caminho para voltar para mim, para os abraços dos meus amigos, o sorriso da minha mãe, os beijos das minhas sobrinhas, para as minhas viagens e para os meus amores que estão por vir...
Nesse lugar permaneci alguns dias, perdido, no escuro e sem saber mais quem eu sou.
Dias difíceis, sem ânimo e muito cansado, resolvi mexer em algumas lembranças e por sorte, Jobim e Chico me resgataram com os versos de Sabiá, cantada por Elis, com toda sua emoção, e tomei isso pra mim e me vi dizendo...

"Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar..."

e a Arte me vez retornar.

Comovida e mais que ferida
Em vão sou comedia
Dou a inesperada despedida
E com dor ensaio a partida!

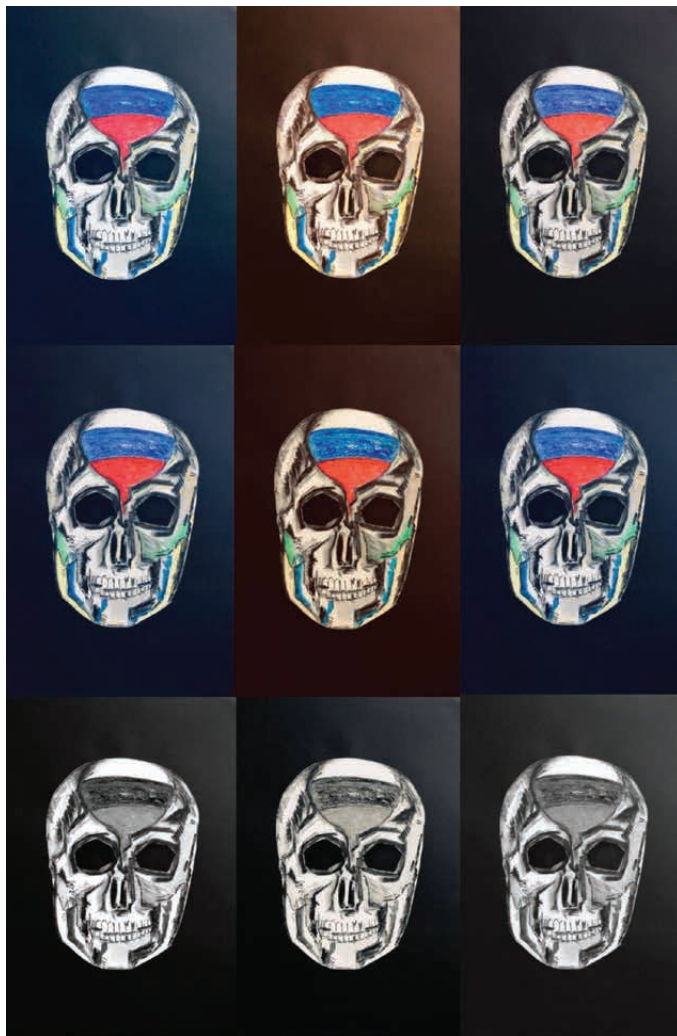


CORONA-BAR
FOTOGRAFIA COM COLAGEM DIGITAL
VENICIO RIBEIRO



CORONA-BEACH
FOTOGRAFIA COM COLAGEM DIGITAL
VENICIO RIBEIRO

Sua morte me dói e me constrói
Sua morte me alucina e me ensina
Sua morte me entristece e me enobrece.



POP COVID-19 - (SÉRIE VANITA)
ARTE EM COLAGEM E LÁPIS DE COR
LUCIANA FARIAS



NÃO É UMA GRIPEZINHA! (MEMENTO MORI)
ARTE EM COLAGEM E LÁPIS DE COR
LUCIANA FARIAS

Quando eu estiver velhinha, se eu ainda estiver por aqui, vou contar esta história para alguém...

Em 2020, uma pandemia de grandes proporções atingiu o nosso planeta. Talvez para pararmos e refletirmos sobre o valor do ser humano, da solidariedade, da compaixão...

Eu vivo um sentimento construído durante esses meses sob a luz do luar, sob os raios de sol, na praia, durante uma pescaria, sentindo os respingos no meu corpo das ondas do azul do mar... Vivo isso tudo na minha casa, virtualmente, em função do isolamento social imposto pela pandemia e pelo fato de ter que preservar pessoas que dependem de mim e que eu amo muito.

Para mim esse carinho e o afeto são reais ou fazem parte do meu imaginário? Não importa! Despertam a minha imaginação, a alegria, reacendeu o brilho do meu olhar... mesmo vivendo em tempos tão difíceis... para mim não deixa de ser um momento ímpar...

Um sentimento expresso por carinho, cuidado, sensibilidade, criatividade e autenticidade sentidos por mim, manifestado por palavras e gestos romanceados.

Para mim a vida se fez em poesia, a própria forma de arte, vivenciada por infinitas formas de expressão, seja por uma música, dança, vídeo, poemas... Despertando na alma o sentimento mais sublime.

Estudando Filosofia da Arte li em algum lugar que a poesia é definida como a forma literária da arte, expressa por meio da linguagem seja ela qual for... comovendo e provocando sentimentos.

Eu não quero que esse encantamento termine, por isso esta história não tem um fim, para que a magia não se desintegre... cabe a cada um imaginar, com liberdade, se houvesse um fim como seria...

Real? Imaginário?... não importa... o que importa é como tudo isso aflorou a minha sensibilidade artística, sensualidade em tempos tão difíceis...



MANDALA
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM E CANETA HIDROCOR
LUCIANA ROCHA MARIZ CLUA

Vislumbro outras paisagens
Como em sonhos e miragens
Busco pontes nestes horizontes

Vago ora discreta ora em agitação
Vejo gestos de solidariedade e solidão
Rastreio a arbitrariedade dos homens

Carrego cem mil indagações
Absorvo sensações e emoções
Decodifico e interpreto este labirinto

Percorro o mosaico da nova vida
Com o corpo bem circunscrito
E dilatando a alma por escrito.



GRATIDÃO ETERNA
FOTOGRAFIA COM COLAGEM DIGITAL
LUCIANA ROCHA MARIZ CLUA

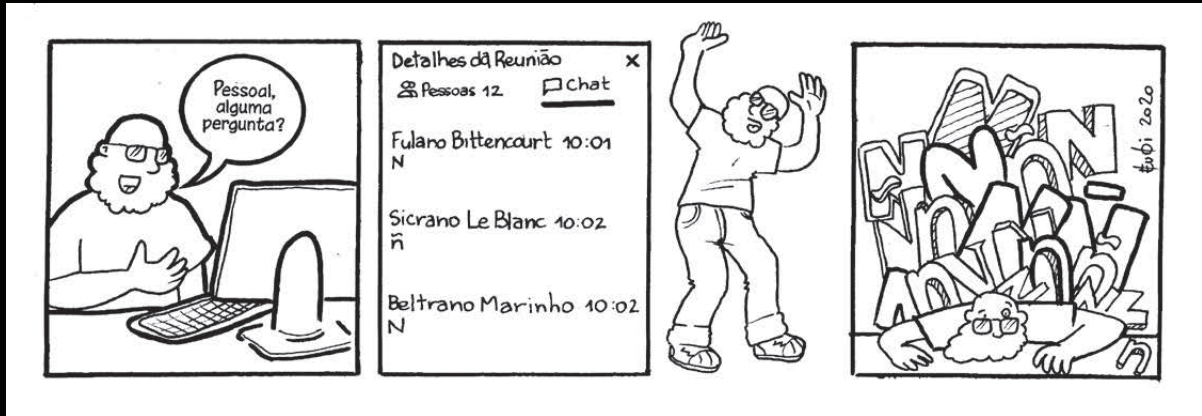


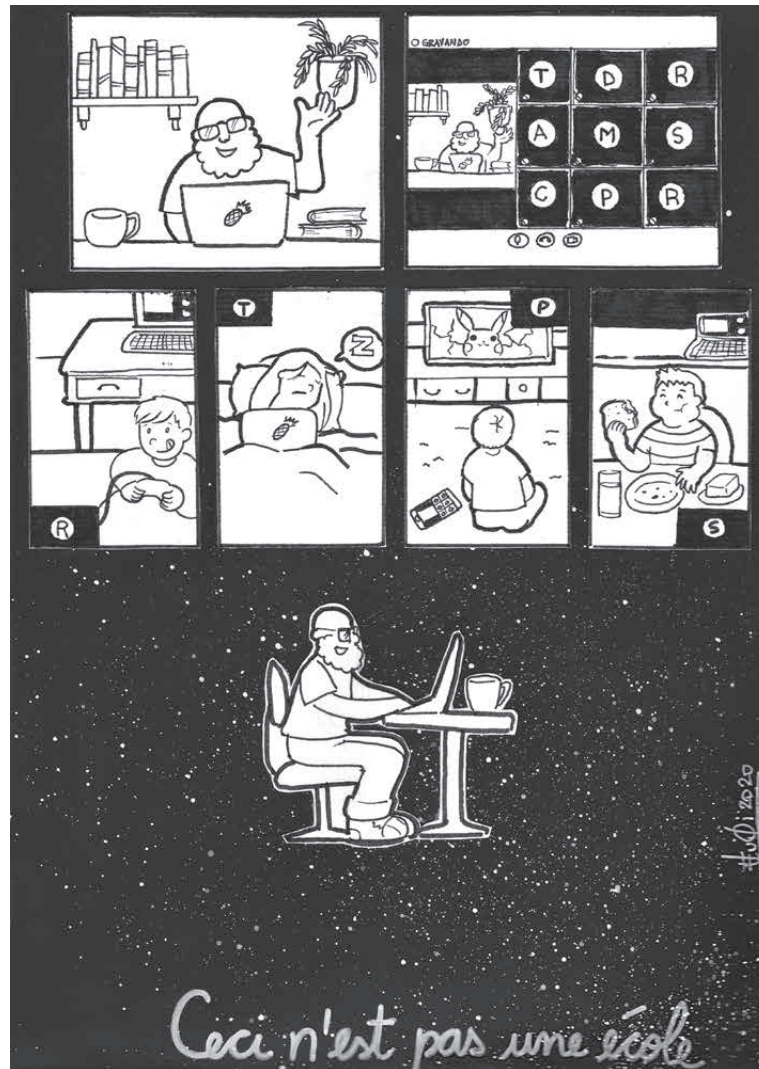
REVISITANDO O MITO DE SÍSIFO: DESAFIOS DA EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DE COVID-19

ILUSTRAÇÃO DIGITAL

ÉRIK J. COSTA, ROBERTO R. FERREIRA E TANIA C. DE ARAÚJO-JORGE

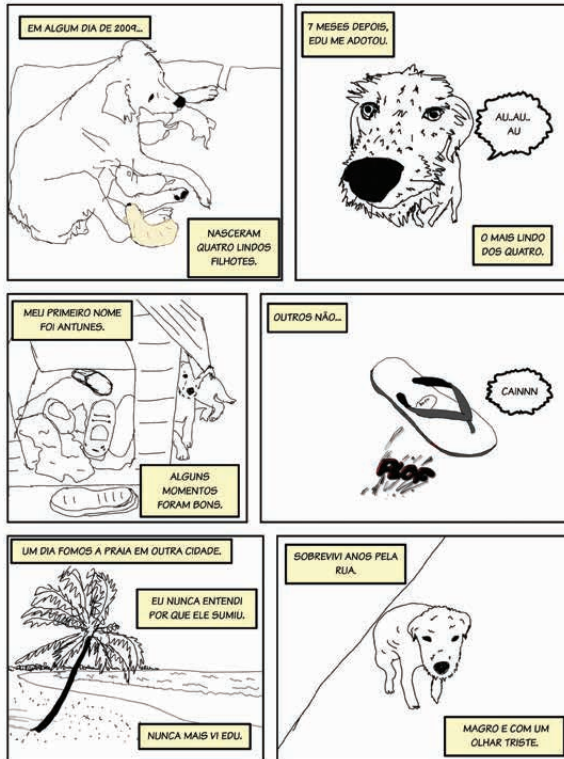
Um, dois, três...cem...mil...um milhão...
Esses números que não querem parar,
Mas infelizmente, não são só números,
É o somatório de mortos a se contar.
Uma pandemia que atingiu o mundo,
Que a todos veio atormentar.
Corpos desfalecidos,
De um povo que é sofrido
Nos hospitais a se entulhar.
Com dor o parente querido
Chora de desespero no caminho,
Pois começa um alarido
De uma dor que não quer calar.
Muitos perderam um ente querido
E o corpo não podem velar.
A dor que fica no peito,
Que nem em mil anos vai passar.
Mas é preciso seguir em frente,
Para o luto ultrapassar.
A expectativa que se tem
É de que uma vacina seja descoberta,
Pra enfim, do coronavírus,
A população ficar liberta
Do mais profundo sofrimento
Que a todos afeta.
Não se sabe ao certo
Quando tudo irá passar,
Mas a esperança que nasce
É de um novo mundo começar.
Quando terminar tudo isto
Pessoas melhores nos tornar.



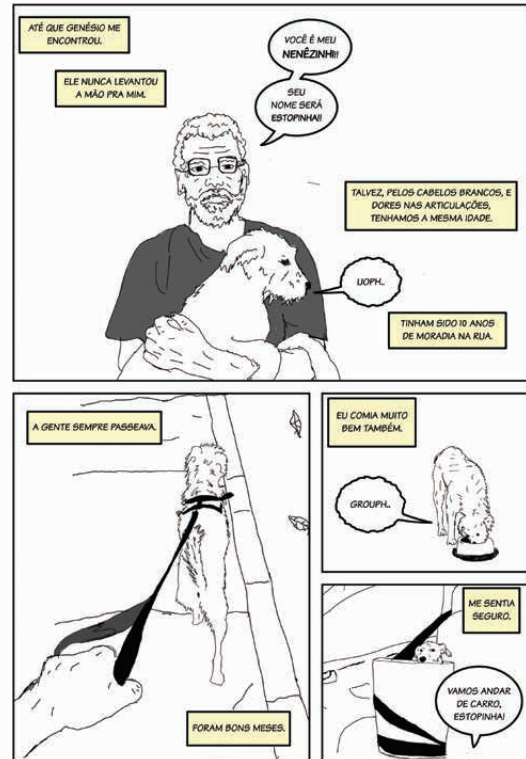


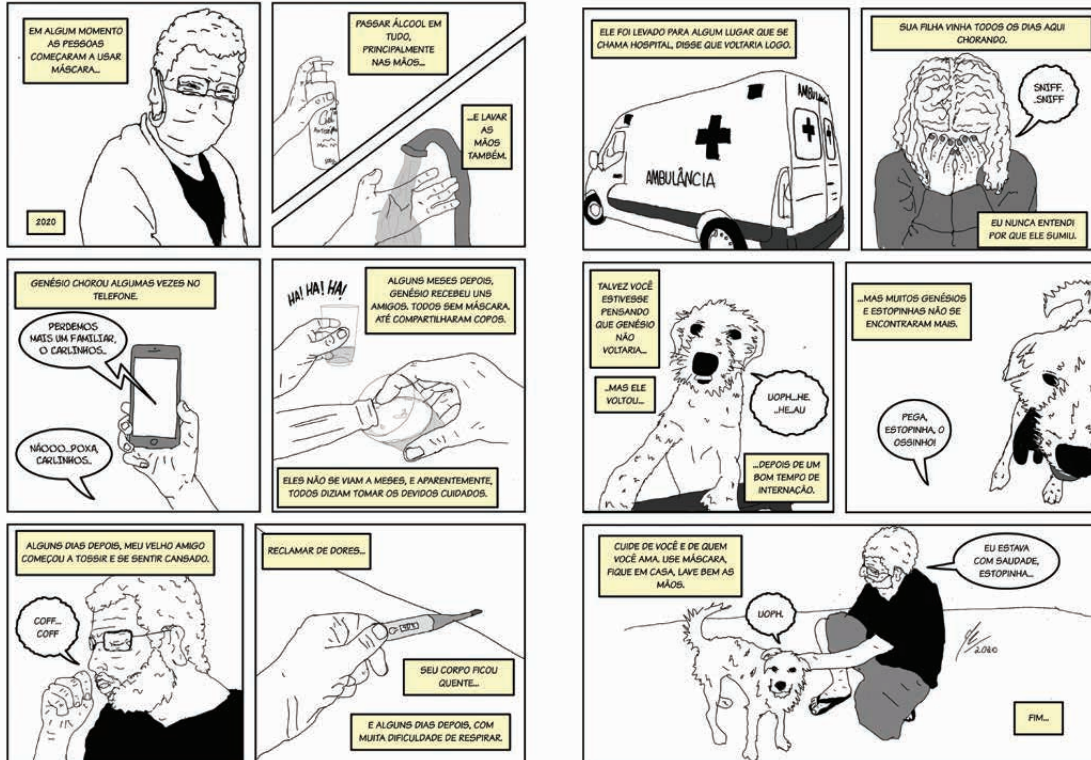
ISSO NÃO É UMA ESCOLA
QUADRINHOS ILUSTRADOS EM NANQUIM
EDUARDO OLIVEIRA RIBEIRO DE SOUZA

GENÉSIO E EU



Rafael e arte: João Coelho





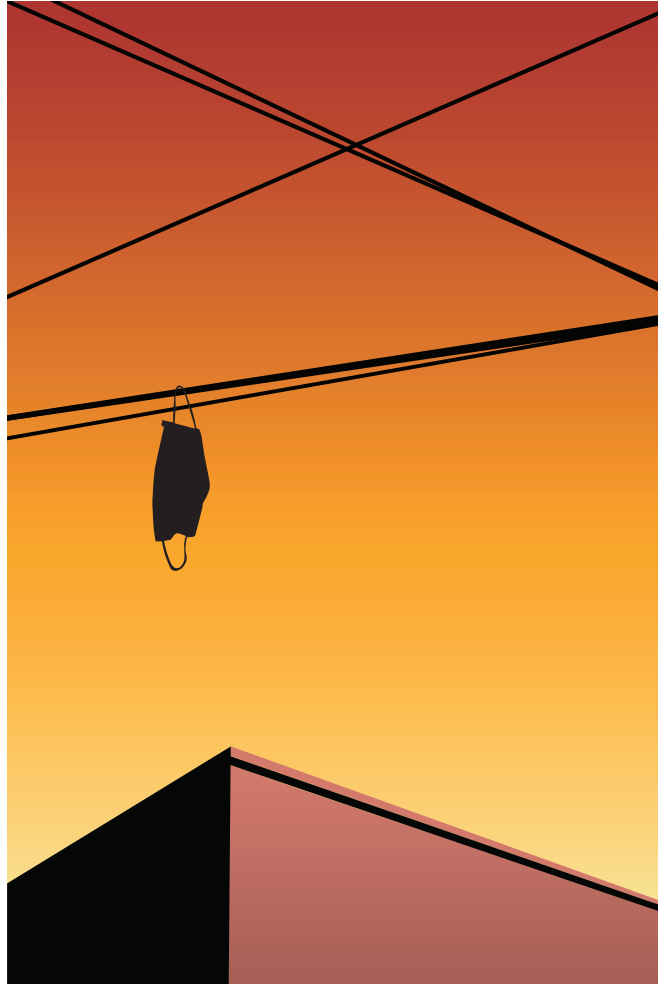
GENÉSIO E EU
QUADRINHOS ILUSTRAÇÃO DIGITAL
JOÃO BATISTA LOPES COELHO JÚNIOR

Ouçõ e sinto o medo
Leio e a tenho cedo
Como por qual receio
Deito em qual esteio
Sonho em ser inteiro
Perco naquele isqueiro
Bebo por vil dinheiro
Esqueço por devaneio
Lembro de ti em mim
Renasço por ti enfim.



SOFRIMENTO
ILUSTRAÇÃO DIGITAL
MAURO CAMPELLO

Não toque
Não toque em mim
Não toque em si
Não toque ali
Não toque em mi
Não toque aqui
Não toque em ti
Não toque por mim
Não toque enfim
Não toque sim
Não toque no fim
Não toque
Não toque
Não toque
Vivi?



NEGAÇÃO
ILUSTRAÇÃO DIGITAL
MAURO CAMPELLO

A riqueza do mundo é a humanidade
Não lavem as mãos para a população vulnerável
Não lavem as mãos para a desesperança, para o desemprego,
para a falência e para a miséria emergente
O isolamento é social e preventivo
Não um projeto genocida
A escuta dos silêncios
O silêncio mortal das lágrimas solitárias
O opressivo que se desculpa
Tarde demais... é sintoma
Sub julga o saber científico
Ignorância do soberbo que desdenha a pandemia mundial
Não lavem as mãos para os idosos, jovens e crianças
Não lavem as mãos para os adultos incansáveis, voluntários, produtivos;
conscientes e responsáveis
Não lavem as mãos para a responsabilidade social
Rede voluntária e ágil
Acolhe e supre num abraço coletivo sem tocar
A riqueza do mundo é a humanidade
O humano é que estuda, trabalha, realiza, produz, reproduz
Pandemia que faz refletir sobre o que verdadeiramente importante

Não há economia forte sem humanidade – Corpo vivente
Livre – eu quero respirar!
Respirar sem máscara e sem isolamento
Bandeiras tribulam em cada nação
Cores da esperança, em cada povo, tribo, nação
Povos e pátrias se dão as mãos – abraço solidário
Damos as mãos sem tocar
Não lavem as mão para o seu próximo
“Meu amor que SAUDADE!”
Saudade do passeio recente
Impensável viver com tão pouco
Não lavemos as mãos para a indiferença
Que grande esperança será o alegre abraçar
Sem epidemia
A vacina está para chegar
Chega de pandemia...
Estaremos sem máscara, sem fome
Estaremos em comunhão social
Sem as guerras a enfrentar
Sem barricadas nas fronteiras
Voo livre alçar!



ESPERANÇA
ILUSTRAÇÃO DIGITAL
MAURO CAMPELLO

Hoje eu vou cantar
Até o raiar do dia.
Pra ver minha escola passar, (refrão)
O samba no asfalto esquentar,
O Sol clarear a alegria.
Não... Não venha falar de tristeza.
Venha não !
Eu fiz um acordo
Hoje com meu coração.
Podes lembrar o passado,
Mas não me fales de dor.
Hoje só quero alegria
E a beleza do amor.
Hoje eu vou cantar pra multidão,
Ser a voz feliz da emoção.
Se não tiver um cavaco,
Nem mesmo meu violão,
Levo meu samba marcado
Na palma da mão.



SORRISO OCULTO
ILUSTRAÇÃO DIGITAL
MAURO CAMPELLO

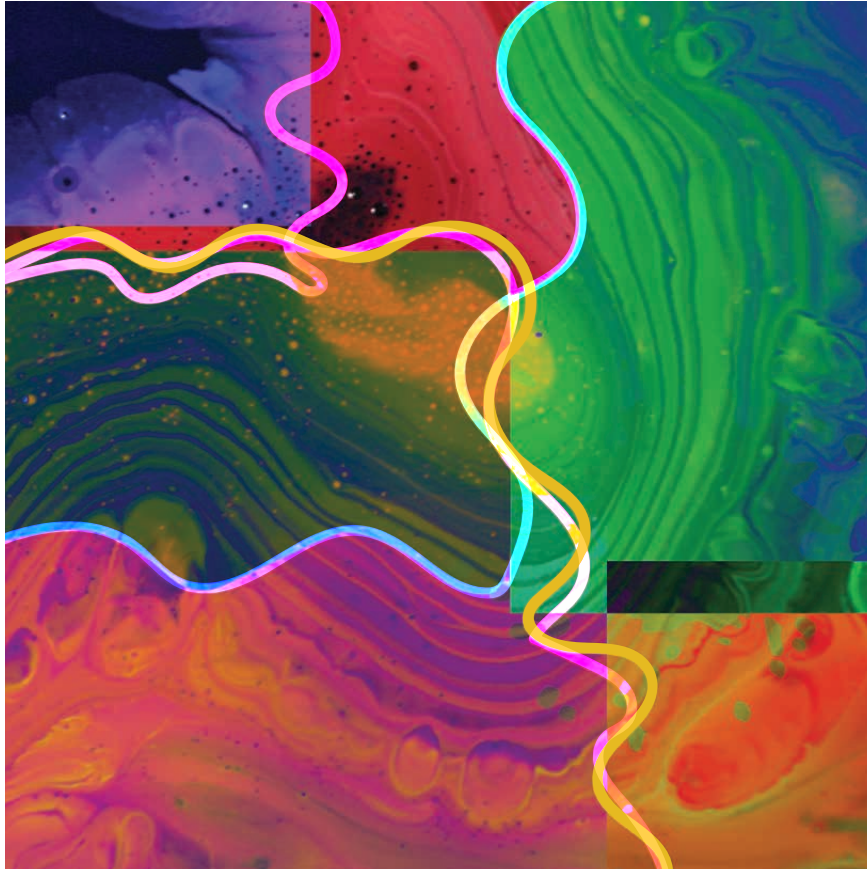
Um joelho no pescoço.
Um grito.
Por favor, não consigo respirar!
Mais uma vez.
Não consigo respirar!
Um gigante gentil indefeso.
Em tempos de pandemia, poderia ser a Covid -19?
Mas não, é a recorrente discriminação e covardia que nos
assolam há séculos.
Pessoas na rua. "Vidas Negras importam!"
Palavras que ecoam aos quatro cantos do planeta. Um grito
único em várias línguas e dialetos, que causou união, mas
também reforçou a eterna luta de desconstrução de antigas
práticas, que não cabem mais em nossa sociedade.
Focos de intolerância, que ignoram a questão tentam manter
tudo como era antes.
Mais gritos! Não consigo respirar! Mas na verdade nós todos
não conseguimos respirar, com tantos casos acontecendo e
essa aura no ar.
Uma pandemia na pandemia, sim! Mas essa as vacinas de
laboratórios não podem combater.
Esse ano perdemos muitas pessoas, entes queridos
para um novo vírus, mas também percebemos, que para
esses grandes embates precisamos nos unir, esquecendo
diferenças e reforçando nossas afinidades,
com respeito, tolerância e solidariedade.
Força Gaia!



O GIGANTE GENTIL
ILUSTRAÇÃO DIGITAL SOB FOTO
MAURO CAMPELLO

Aprendo que o vírus flui em redes
E sem demoras provoca amarguras
Ao exhibir o tempo nas molduras

Escondo-me assim entre paredes
o tempo parece assim preso
mas escorre volátil e indefeso.



ARTE PANDÊMICA
ILUSTRAÇÃO DIGITAL
MAURO CAMPELLO

Nunca vi tanta gente doente
A doença da vida moderna
Rejuvenesceu
Está crescendo
Os mortos vivos repararam uma coisa
Estão vivos
E o mundo parou
Os imortais descobriram uma coisa
Posso morrer esse ano e o mundo parou
Indecisos questionam
Estou sonhando ou o mundo parou?
Os chatos reclamam da coincidência
"A terra parou justamente quando decido viver".
E agora
Os sérios decidiram sorrir
Embaixo da máscara.
Já os narcisistas temem
O sepultamento vazio.
O desespero veio através de estatísticas, estatinas e cloroquinas.
Viver em casa virou a febre
Eu tenho uma
Cheia de remédios
Já a casa está cheia de louças, talheres e novas Amélias.

A tosse já não vem só da alma ou do cigarro.

E a máscara é para além da vida

Por mais que me deixes sufocado

Sou ela, e ela

Sou eu

Em tempos de isolamento

A insanidade da virtualidade é a única

Chance de morrer menos louco

E a fisicalidade ficou estática

A tela é meu consolo

A live da vida é o modo de ser

E o grande mal do agora é a doença que vai passar

E o joelho assassino e a mala branca continuará

Será só eu ou todo mundo que está assim:

Cheio de luto, luta e raiva

Tem gente que acha que é gripe forte

Tem gentalha que acha que é gripezinha

Tem gentinha que acha que é uma bomba atômica

Já a fila na Caixa continua doida e doida

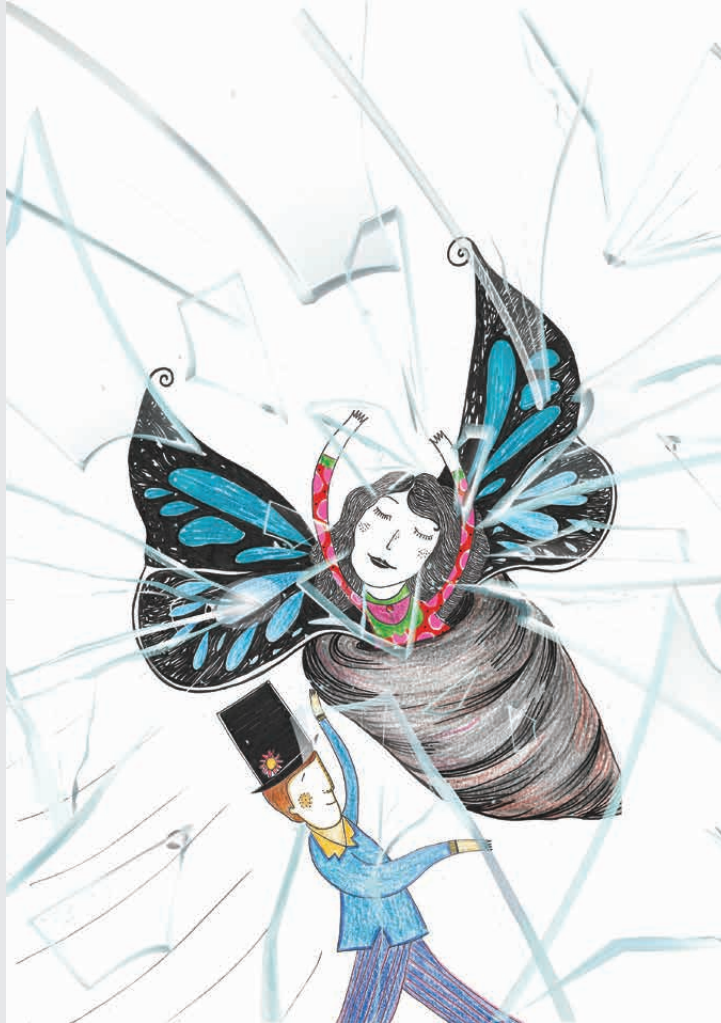
A moderna pandemia da vida é a estranha doença da vida moderna.

O que é mais estranho do que essa doença da vida moderna

É a luta vazia de ação e cheia de palavras em vão.



ALGO A MAIS
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM E LÁPIS DE COR SOBRE PAPEL
ANA CRISTINA MACIEL



VIDRO QUEBRADO
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM E LÁPIS DE COR SOBRE PAPEL
ANA CRISTINA MACIEL



TERCEIRO CONTO
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM E LÁPIS DE COR SOBRE PAPEL
ANA CRISTINA MACIEL



TERCEIRO CONTO #2
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM E AQUARELA SOBRE PAPEL
ANA CRISTINA MACIEL



ALGO A MENOS
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM E LÁPIS DE COR SOBRE PAPEL
ANA CRISTINA MACIEL

Alvas. Esguias. Amarelos bicos. Etéreas. Flutuavam nos verdes galhos. Elas e Eu. Amigas distantes. Sem palavras. Sem olhares. Beleza da criação. Pais atentos. Ser novo no ninho. Cuidando, acarinhando, beijando, alimentando. Dias, muitos dias. Noites de apreensão. Dia seguinte de alegria ao vê-las, dar-lhes bom dia. Observei. Observei os dias, horas passando, fotografando-as de todos os ângulos que minhas janelas permitiam. Criei histórias – quem era o pai, quem era a mãe, porque um ninho nas árvores do morro e não na lagoa, porque de suas distâncias calculadas. Será que brigaram? Não sabia e nem sei nada de garças. Desesperava quando sumiam algum tempo e aquela cabecinha despontava a procura de um porto seguro. Lembrei do conto da Clarice Lispector – Eu tomo conta do mundo. Eu também passei a tomar conta do mundo. Do mundo das Garças. Conversava com elas telepaticamente. Dava instruções. Cobrava mais presença, mais beijos bicados, mais aconchego. No dia da chuva torrencial meu desespero total. Apareçam gritava dentro da minha cabeça. A cria, ali naquela chuvarada, encolhida, indefesa. Considerei como o primeiro banho. Lavou até a alma dela. Depois da chuva o sumiço. Os pais sumiram por dois longos e intermináveis dias. Eu desesperada. Como assim. Sem despedida, sem voos rasantes sobre o ninho. Sem esperar o filhote bater asas para o primeiro voo. Alívio. Apareceram. Vieram se despedir. Ficaram um dia e partiram no primeiro dia da primavera. Último bom dia. Ela – a cria – se mostrou por inteiro. Flutuava. Fotografei e fui viver. Ao entardecer ela não estava mais lá. Não se despediu. Não me permitiu apreciar seu primeiro voo. Partira. Foi viver a vida dela. A liberdade do mundo.

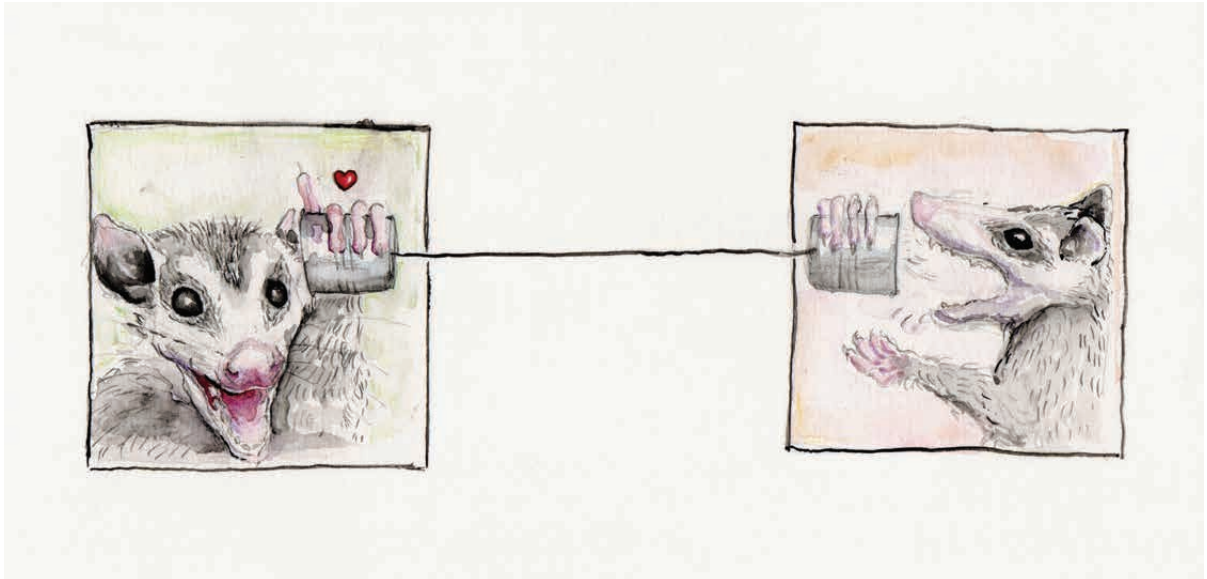
Na biodiversidade verde, os pássaros piam
A onça ruga e lá vêm os outros pássaros
Piam em bando, ora cada vez mais forte, pássaros
Ora sabiá, ora galo-da-serra, ora o rei Uirapuru,
Uma revoada de pássaros, sempre unidos
E cantando, os pássaros soam como uma orquestra,
No habitat da floresta, rica em beleza e segredos
Magias e pajelanças, sob os olhares dos pássaros

Tanta riqueza, nunca vi igual, cantam na atmosfera afora
Como não existissem marcas, devassa, destruição agora
Oh! A floresta chora, os nativos morrem e o sangue jorra,
A ganância dos homens, destrói o santuário de outrora,
As árvores tombam aos sons das motosserras agora,
Ou muitas vezes são queimadas pelo fogo na terra
Tristeza dos nativos e do mundo afora
Oh! Quanta beleza e riqueza são jogadas fora.

O homem destrói o santuário de outrora
Visão preocupante e dilacerante e o povo implora
Respeito e preservação do patrimônio natural agora,
O pulmão do mundo chora,
Os jovens têm que estar engajados agora
O Jaçanã voa pela floresta afora
Chamado de pássaro Jesus, que lembra Cristo, ora
Ele é a nossa esperança, agora!!!



CONSELHO
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM SOBRE PAPEL
JULIANA GONÇALVES MOURA



TELEFONE SEM FIO
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM E LÁPIS DE COR SOBRE PAPEL
JULIANA GONÇALVES MOURA

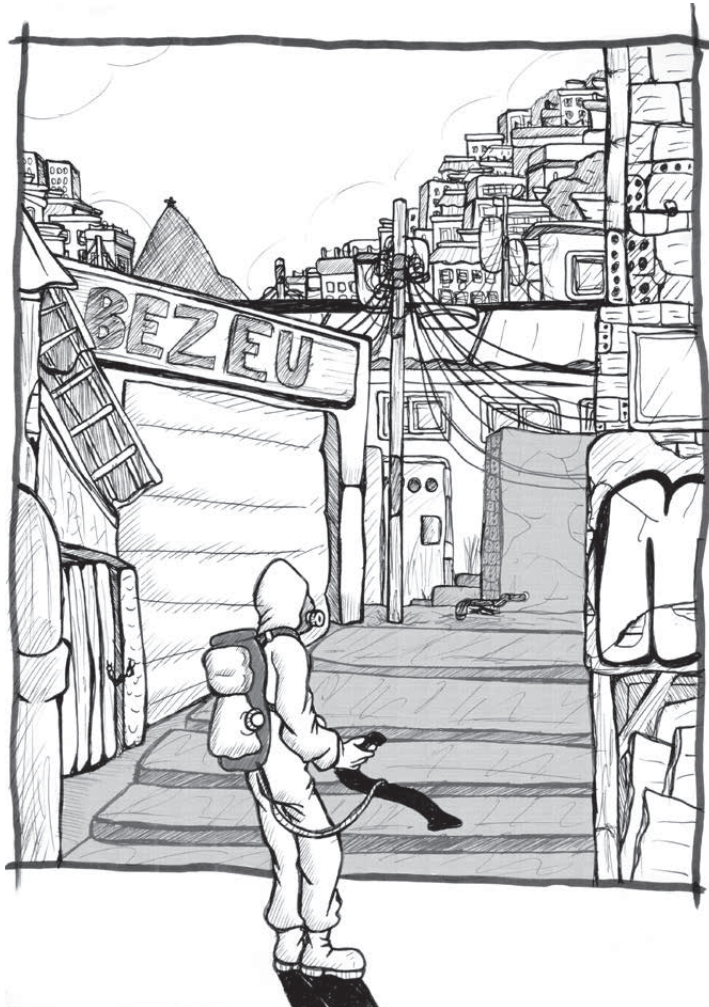


CONECTADOS
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM SOBRE PAPEL
JULIANA GONÇALVES MOURA

Essencial é o básico?
O básico é tão importante?
E se a base se corromper?
Se a base fica abaixo, pisamos nela?
Olhamos sempre pra cima?
O que tem acima nos impede de olhar pra baixo?
Ficamos cegos?
O essencial gritou e nós olhamos para nossos pés, não pra ele!
Enfim percebemos, caímos no chão e o abraçamos!
Valorizamos por um momento, até que...
Opa! Lembramos que devemos manter distância
Olhamos pra cima novamente
Tudo voltou ao normal.



CARA DE MAU
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM SOBRE PAPEL
JULIANA GONÇALVES MOURA



FAVELA LIMPA
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM SOBRE PAPEL COM RETÍCULAS DIGITAIS
ERICK LOTA



LINHA DE FRENTE
ILUSTRAÇÃO EM NANQUIM SOBRE PAPEL COM AGUADAS DE AQUARELA
ERICK LOTA

Menina de olhos brilhantes
Sempre com o andar saltitante
Às vezes, um pouco errante
Mas sempre, com o coração de elefante
Caminha na vida como uma itinerante,
Que busca o universo cativante
Em casa, sempre ativa e exultante
No trabalho, com empenho brilhante
Suas viagens exercitam o corpo e a mente
O surf, o rapel e o mergulho, fazem sua vida vibrante
Pessoas integram seu universo energizante
Tudo isso traduz numa alegria abundante
Agora, ceifada de toda essa vida atuante
Pelo vírus tenebroso, mortal e itinerante
A menina passa a trabalhar como retirante
Em casa, a sua alegria fica estagnante
Diante dessa nova realidade, de noticiário decepcionante
Ela se sente como uma lagarta num casulo sufocante
Entre tristezas, desânimo e sonho presente
A menina deseja a metamorfose urgente
Que faz da vida uma roda vibrante
Que transforma a lagarta em borboleta elegante
Assim, como no sonho, a menina sai do casulo agitante
E, se transforma numa borboleta de beleza exuberante.



ANGÚSTIA QUARENTENA
ILUSTRAÇÕES EM LÁPIS GRAFITE SOBRE PAPEL
THIAGO GONZALEZ



TUCANINHO DE PEITO-AMARELO
ILUSTRAÇÕES EM LÁPIS GRAFITE SOBRE PAPEL
THIAGO GONZALEZ

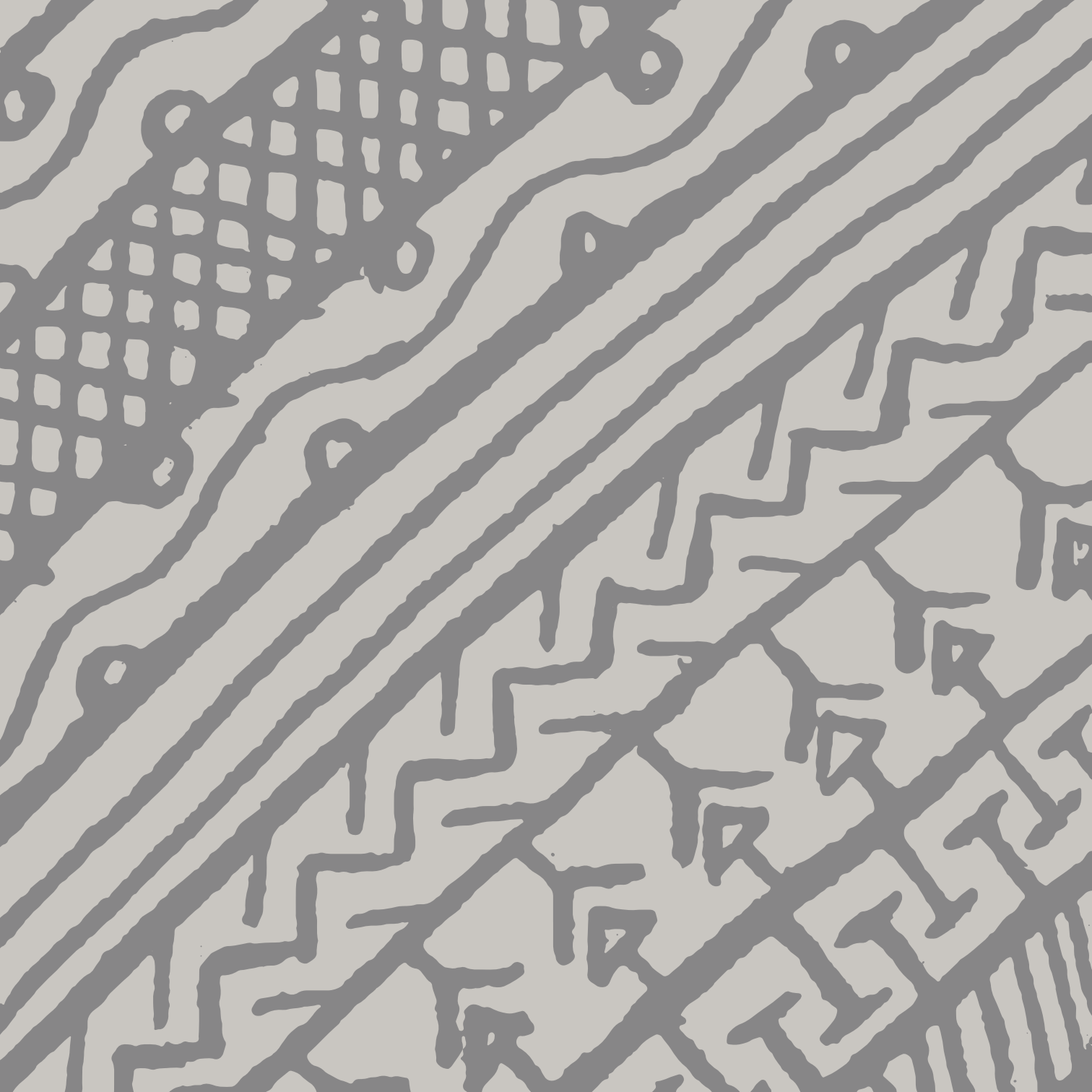


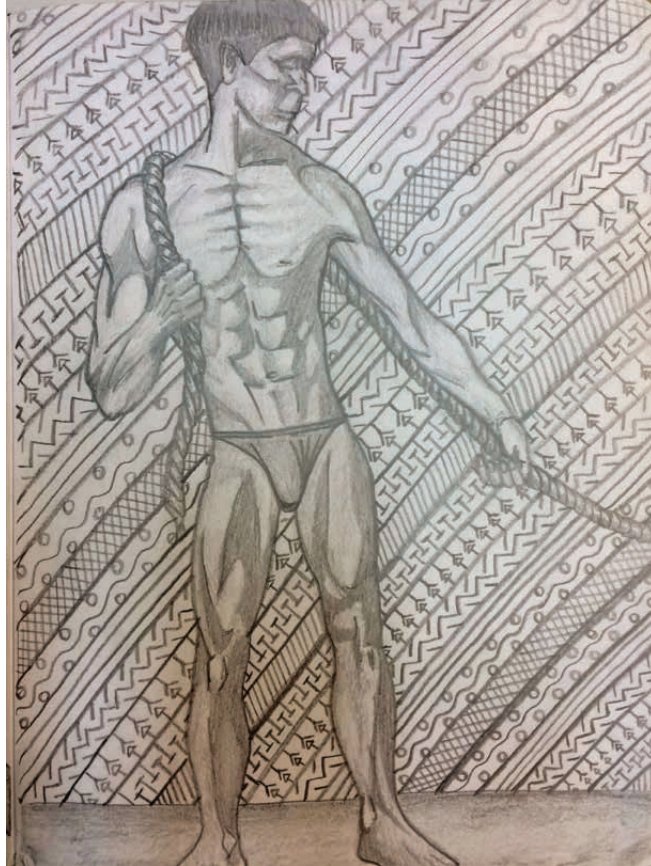
BRINCO DE PRINCESA
ILUSTRAÇÕES EM LÁPIS GRAFITE SOBRE PAPEL
THIAGO GONZALEZ

Todos me olhando, mas era habitual
Perto de casa, mas não estava normal
Olhava ao redor e nada estranho
Todos de máscara, nada anormal
Pedi um queijo e fui avisado: Você vai se dar mal
O problema era eu! Cadê a minha máscara?
Seria meu inferno astral?
A vergonha sobressaiu de maneira crucial
Voltei para casa, pois, sempre fui o fiscal
Naquele momento era o ilegal
A máscara caiu!
28 anos e uma crise existencial?
O que fiz foi imoral!
O problema era internacional
Implorei a mim mesmo pelo perdão espiritual
Quem dera esse mercado fosse o mundo real
A ignorância posterga um problema exponencial
De maneira unilateral, peço desculpas de cunho social
Mas não garanto esta autocrítica a todo um plural.



REFERÊNCIAS PERDIDAS
ILUSTRAÇÕES EM LÁPIS GRAFITE SOBRE PAPEL
LEANDRO MEDRADO





IDENTIDADE
ILUSTRAÇÕES EM LÁPIS GRAFITE SOBRE PAPEL
LEANDRO MEDRADO

Quanto custa um abraço?
Se é que se pode mensurar
Quanto custa um abraço?
Não há valor ou preço que se possa pagar
Quanto custa um abraço?
De nada vale, porque não se pode mais abraçar
Quanto custa um abraço?
Não é possível pagar!
De nada vale, porque não se pode mais abraçar
Que terrível esses tempos de Pandemia!
Que disparidade e dúvida:
Uns saem, divertem-se “irresponsavelmente” despreocupados...
...Enquanto os outros prudentemente sofrem, solidarizam-se, respeitam
Clamam por um abraço!
Quantos são os abraços indicados pelos terapeutas?
O mínimo uma “cápsula” diária, doze o satisfatório e muitos abraços para
os carentes e amorosos
Quanto custa um abraço?
De nada mais vale, porque não se pode mais abraçar.



ABRAÇO
DESENHO EM PASTEL A ÓLEO
PAULO VASCONCELLOS

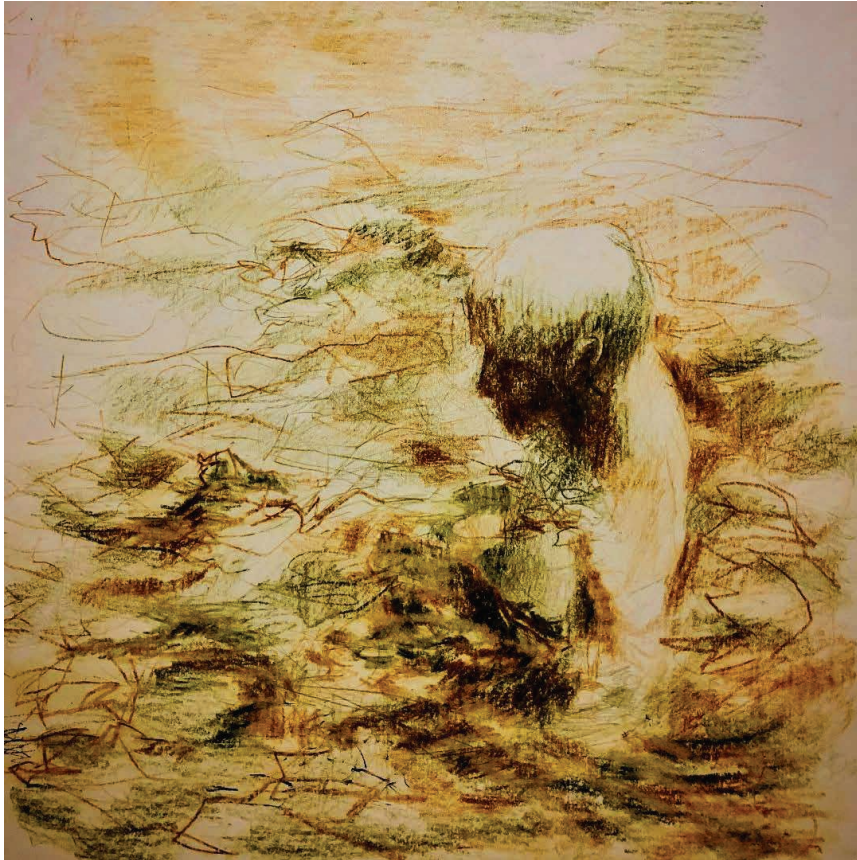


INTERIOR | INTERIOR#2
PINTURA ACRÍLICA
PAULO VASCONCELLOS



INTERIOR #3
PINTURA ACRÍLICA
PAULO VASCONCELLOS

Havia planejamento
Tempo sobrando!
Projetos para a casa
Euforia para trabalhar no lar
O quarto virou um escritório!
O Corona seria uma história de adaptação...
Mentira!
Temos a sina da vacina!
O "começo" não acabou
O tempo agora é relativo...
Passa bem devagar
Tudo está longe, inclusive a esperança
O medo veio de maneira discreta, porém concreta!
Cadê meus parentes e amigos?
Videoconferência não é suficiente...
E você sente!
O isolamento isola a mente!



O BRASILEIRO TEM QUE SER ESTUDADO
DESENHO EM PASTEL A ÓLEO
PAULO VASCONCELLOS

Moradores de rua felizes com a ausência da rotina diária de
uma cidade irresponsável...
Mais felizes ainda quando lhe traziam uma quentinha!
Pombos passando fome, pois, dependem de nossa
irresponsabilidade para sobreviver...
Do nosso lixo!
Os ônibus vazios e a barca lotada...
Avisos no alto falante expõem as precauções sobre a COVID-19
Decretos, normativas, regras a seguir para evitar as pessoas
que estavam ao seu lado!
O distanciamento social é algo que nem a sociologia esperava
nesse momento!
Rio de Janeiro, vazio, março de 2020.



COMO É BOM ANDAR DE BICICLETA
PINTURA ACRÍLICA SOBRE TELA
SERGIO MAGALHÃES

Já não vivemos como antes.
Tudo parou
Ruas vazias
Noites tão frias
Assim vive a humanidade.
O medo assombrando os quatro cantos desta terra
homens e mulheres ameaçados.
Casa porto seguro.
Humanos ainda inseguros
Olhares desconfiantes
Vida em perigo!
À frente o inimigo invisível.
Destino incerto.
Bancos lotados
Igrejas vazias
Páscoa jamais esquecidas
Ano de caminhos incertos
Economia oscilando como um avião sem piloto

A cada dia o clamor do povo suplicando a benção divina.
Como incenso que soube ao céu
Como cigarra desejando um nascer do sol em nuvens nubladas.
Tudo foi mudando até os humanos
As varandas são palco de artistas
Todas as religiões entoando o mesmo cântico
Inúmeras preces dirigidas àqueles que agonizam nos seus leitos.
Na súplica a esperança desejada por todos.
Solidariedade, citação em pauta álcool em falta.
União consolando a alma na extrema solidão.
Anjos de branco protegendo o frágil e amenizando a dor.
Nestes dias a cor não fez diferença.
O rico e o pobre na mesma embarcação
Crenças na mesma oração.
A humanidade voltando a viver sua essência.
O segredo da sobrevivência
O amor sem fim
Jamais seremos os mesmos!



OLHARES
PINTURA ACRÍLICA SOBRE TELA
SERGIO MAGALHÃES

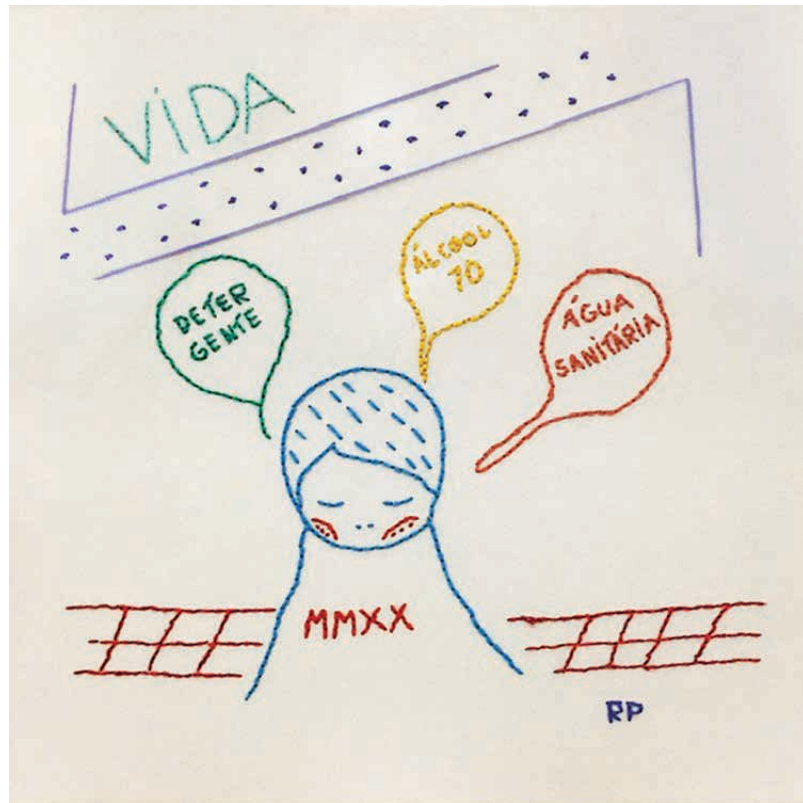


QUANDO A NUVEM CHOVER
PINTURA ACRÍLICA SOBRE TELA
SERGIO MAGALHÃES

Sobre esse mar difícil de serenar
São muitas ressacas e poucos marasmos.
Bebendo tanta água salgada, dos olhos,
dos poros, de toda essa gente que faz mar em nós.
Dá sede,
tanta sede de tudo que toda água é pouca,
de justiça, de verdade, às vezes,
quando me amarga muito a boca, de vingança.
Tudo que me chega é sal, às vezes cura, às vezes tempera.
Mas nunca cessa a sede.
Quando as ressacas são muitas
é nos marasmos em que me encontro
e no encontro com outras águas
que curo a seca em mim.



TECENDO A VIDA COM AS MANDALAS
BORDADO EM CROCHE
ANA CLAUDIA SERPA



VIDA
BORDADO SOBRE TELA
REGINA LÚCIA DOS ANJOS PORTO

Março, segunda semana, ano 2020, noite começando, cansada da rua, de resolver problemas. Tira sua casca de linho, assume sua versão doméstica. Sandália de borracha de dedo, vestido longo indiano, bem leve para enfrentar o calor infernal, elástico prendendo o cabelo. Enfim, ela na versão mais crua e original. Aperta o botão, o fatídico botão do canal de notícias. Descobre a pandemia no Brasil. O mundo congelado a partir de então. Do botão até hoje, mais de 175 dias se passaram. Um dia entre o primeiro e o centésimo septuagésimo quinto, entre dias escorrendo e variando entre alegria, tristeza, choro, medo e outras emoções em gangorra dá-se um congelar do tempo. Ela sentada na cadeira na frente do computador trabalhando olha para o lado e vê seu armário de roupas. Desde ontem uma frase que ouviu no rádio vai e volta na sua cabeça: minhas roupas acham que eu morri. E se fosse verdade? Dá um frio na espinha. Fita as portas por alguns segundos. Toma coragem e se coloca morta na frente do armário. Abre. Quer saber o que suas roupas pensam dela, a Dona, a Morta.

Pergunta. Escuta em silêncio. Dizem: arrumada demais, irritante, certinha, uma chata. Tudo devidamente nos seus lugares. Roupas de sair para cá, roupas do dia a dia para lá. Separadas por tipo – calças, casacos, blusas de manga comprida, blusas de manga curta. Por cor. As brancas e as pretas eram as preferidas. Pachemiras enroladas e arrumadas nas gavetas. Bijus em suas duzentas caixinhas. As roupas do dia a dia, as do lado de lá, riem um sorriso maroto para as chiquizinhas. Ei, vocês! As esquecidas. Bonitas, charmosas, de material nobre – o linho -, e tão inúteis no fechamento do mundo, nos tempos de reclusão. Nós, as simples, as do lar, mostramos que sim, somos as que importam, as que são “pau para toda obra” – vestidos leves, bermudas, camisetas, pijamas, camisolas, moletons nos raros dias de frio.

Os sapatos de muitas cores e modelos observam de seus lugares. Também separados por cores. Os chiques, os do dia a dia, sandálias rasteiras, e as benditas sandálias de borracha de dedo. Estas diziam: a Morta nos adorava. Ficamos dias, meses em seus pés. Dia e noite percorrendo salas, quartos, banheiros, cozinha, área. Nossa viagem maior era até a lixeira no corredor do prédio. Dormíamos com ela sentada no sofá tentando ver filmes, documentários, os telejornais e muitas e muitas e muitas lives.

A Morta no meio da escuta atenta pensava: louca! Eu preciso é de um analista urgente. Tenho é TOC. Tanta arrumação, pra quê? Pra quem? Que inspetor vem diariamente aqui inspecionar meu armário? Seguiu o pensamento para o pra quê. Pra quê tantas roupas, sapatos, bijus, bolsas. Dava para viver uns 200 anos. O alvoroço no armário continuava. As bijus pulavam das suas caixas tentando se mostrar. Gritavam. Você nos ama tanto, passeávamos por esse Rio de Janeiro todo. Conhecíamos tanta gente. As bolsas suspiravam. Estáticas. Tristes. Pareciam um arco-íris colado na prateleira sem admiradores. De repente olha para o espelho. Não gosta do que vê. Ele, o espelho também não. Que cabelo é esse? Sem cor, sem brilho, sem as mechas douradas. Sem corte. Comprido demais. Parece a Maria Madalena. Ela desvia o olhar para dentro do armário.

Com um olhar fulminante, um pensamento aterrador e um nó na garganta falou: vocês não prestam atenção em mim mesmo. Olhem, olhem, olhem. Morrer eu não morri, não. O mundo é que parou. Vocês não me servem mais. Não é nada pessoal. Eu adoro todas. Amo vocês. Disse a palavra fatal, baixinho. Engordei. Aumentou o tom – E N G O R D E I. Gritou. Parou. Bateu as três portas do armário com toda força e raiva do momento. Saiu do quarto. Foi ver a *live* daquela hora.



MARCAR A PRESENÇA
PERFORMANCE, FOTOGRAFIA E SUBLIMAÇÃO SOBRE TECIDO
MARCELA CAVALLINI

Para o Albano

A amiga fez-se irmã.
 Ele, um modo de pai
 um improvável irmão mais velho,
 encarnação involuntária do outro,
 perdido nas inventadas lembranças.
 O feijão bem temperado,
 as batatas - assadas ou fritas -,
 o inigualável pudim de leite
 eram seu modo de abraço,
 uma ternura meio sem jeito,
 como se pedisse sempre licença
 para entrar no coração do outro.
 Era daqueles que amam
 sem palavras ou beijo,
 o afeto com gosto de café com leite,
 de pão fresco na mesa,
 amanhecendo carinho
 no calor da casa aquecida.
 No meu rosto, nos meus gestos,
 a mãe dele,
 viva em sua lembrança
 de menino feito homem,
 tornava ainda mais forte
 o vínculo insuspeitado,
 celebrado com alegria e tempero,
 nas doces paisagens da serra.
 Memória é modo de vida,
 Morte é modo de presença,
 Amigo é modo de irmão e pai:
 família é modo bonito
 de certeza, afeto e pão.

Para Marcus Vinicius Quiroga

Teus livros em minhas mãos
 Teus poemas - retratos de um tempo não compartilhado
 mas presentido.
 Houve um tempo
 em que lias as palavras de poetas outros.
 Eu - menina - as escutava como se fossem tuas...
 Também presentia
 que haveria um tempo outro
 um espaço oco
 em que forjarias palavras tuas,
 límpidas, cristalinas -
 pérolas que eu nem sequer supunha...
 mas presentia.
 O que jamais previ
 - é preciso sempre guardar o tempo dos espantos... -
 é que também eu beberia - sôfrega -
 nas palavras daqueles poetas de então
 aquelas palavras também tuas
 com que bordastes meus dias
 no branco das páginas
 de um tempo presentido.
 Tua voz, as palavras todas,
 tuas mãos nos livros que ainda não eram os teus
 bordaram meu destino
 para sempre transformado,
 ungido,
 em pérola e pão:
 poesia.

Pesadelo, acordou de súbito, estivera dormindo, na fase inquieta e final do sono, nos mínimos reflexos de quase consciência, recebeu no pano da mente um golpe de imagens que se configuraram com as palavras certas e produziram o enredo que ela julgou sendo de um mau sonho, mas que começou, na realidade, muito bem, com situações prazerosas, mesmo sendo baseadas na simplicidade cotidiana, sem muitos porquês. Pareceu ter sentido cócegas em um momento, lembrou que seu ventre era massageado por sua gata, e então aquele tecido de toque único que sua gata costuma namorar como um bebê, como era gostoso, e uma profusão indizível de sensações e antes disso, provavelmente, não teve lembrança ou consciência do que se passou. Dormia feito um tijolo embalado por cimento. Todavia, também como uma pedra dormiu, leu até dormir, não iria desligar a luz, não hoje, a conta de energia elétrica não vai aumentar só porque esta noite você não desligou a lâmpada do quarto, mas antes acendera a luz, gostaria de terminar de ler aquele livrinho, depois do asseio, como gostava do ridículo de todos os hábitos salutareos noturnos, passou sem muito critério a ajeitar a ligeira bagunça do dia e ir dormir, encheu o filtro de água, amanhã teria que lavá-lo, porém antes estava limpando a caixa de areia das gatas, por isso teve que lavar as mãos novamente, o que tinha acabado de fazer depois de fechar os sacos de lixos para descê-los amanhã de manhã, mas é assim, sem muito ordenamento das ações quando o cansaço é tamanho, foi o que pensou quando bocejou sequencialmente, tomou consciência disso e pensou que não tinha mais cabeça para continuar trabalhando na apresentação do webinar que se aproximava. Salvou e fechou cada arquivo, trabalhou neles depois do jantar, que foi de todo frugal e desinteressado, entre o automático e a atenção as sensações da mastigação e deglutição. Deve ter pensado alguma coisa nesse interim, comendo, preparando o jantar, mas a necessidade de estar respondendo às várias mensagens dos vários grupos de WhatsApp foi o que, a bem da verdade, suscitou a fome do meio de tantas interações virtuais, que atrapalhou a evolução do trabalho, tinha que escrever mais!, que já ia um tanto estafante. Parou por vezes, tomava um café ou uma água e fingia que comia. Justamente quando se levantou e saiu da cozinha, levou celular e papéis para a mesa, precisava responder àquela mensagem durante a aula, assunto importante, e nesses papéis iam as anotações da aula passada, que relia para se inteirar do que ia acontecer nessa segunda metade da aula, mas precisei me ausentar mais cedo. A aula não tardava em começar, mas, de rompante, comunicou que não poderia comparecer na reunião porque tinha esta aula, olhou na agenda, e ainda assim via que não ia dar tempo de terminar tudo antes do meio-dia. Não era sempre assim, tanto que reler a aula anterior foi o que decidiu fazer justo depois de ter revisado aquele texto que ficou na mesa ontem, o qual estava, bem ou mal, há muitos dias tentando melhorar. Pensou, sabe-se lá por qual motivo, que a pandemia ainda era e de que, nossa!, sim, preciso terminar aquele artigo sobre poesia e ciência na pandemia, mas a pandemia, e a pandemia, e a pandemia, e então largou o celular em que passara parte da manhã assistindo os jornais, como em todos os dias. Percebeu e exclamou o quanto gostava de comer pão com geleia e requeijão, e o café, sempre antes de qualquer coisa, que acabara de coar, lhe encheu as narinas e a boca daquela sensação muito particular de amanhecer, foi passar já o café, se alongou, se espreguiçou, despregou os olhos, acordou. Não lembrou dos sonhos.



CONTRA O TEMPO
ILUSTRAÇÃO EM CANETA ESFEROGRÁFICA SOBRE PAPEL
LEANDRO MEDRADO



MÁSCARA TRIBAL
TÉCNICA MISTA EM RECORTES E PINTURA
ANA PAULA DE AQUINO MACHADO

Na prepotência da potência o amanhã é incerto pela ambição dos grandes barões.
O céu escurece na tamanha nuvem de fumaça, chaminés das grandes fábricas.
Já não vejo o céu estrelado, apenas a poluição encobrindo a beleza celeste.
A cada segundo gotas e mais gotas sendo dissolvida pelas altas temperaturas: mais uma
geleira desaparecendo do mapa!
Um mar enfurecido pelos inúmeros objetos boiando sobre a bela cortina azul e transparente.
Uma mata pedindo socorro pelo fim do barulho dos motores das serras na calada da noite.
É a natureza sendo mutilada pelo mercado clandestino!
Uma mata sendo devastadas pelos tratores das grandes fazendas.
As flores já não têm néctar
As frutas já não têm sabores
Os perfumes das flores se misturam com os odores da poluição,
Um cheiro desconhecido pelas abelhas.
Uma terra árida e seca.
Os rios tão imensos, mas poluídos pela ausência de uma consciência de conservação,
Apenas valões sem vida.
Já não banham nossas terras com grande abundância.
As águas fluviais sendo destruídas pela grande erosão e assoreamento,
Obra dos homens sedentos pelo domínio da economia.
Os peixes já não sobrevivem às grandes correntezas de poluição.
Fauna em extinção onde a natureza se consome pela ambição desfreada do ser em declínio.
Os pássaros já não têm ninhos, substituídos pelas grandes paredes dos arranha-céus.
Já não se ouve os pássaros cantarem, os ruídos das grandes metrópoles são
a trilha sonora de cada dia.
Um grito que vem do céu, da terra, dos rios, dos mares, dos animais, do ar.
Homens surdos e cegos pela ambição da produção.
Um dinheiro que não compra a própria vida, muito menos a criação perfeita.
Dias incertos para homens que vivem sem consciência.
Homens que constroem o presente destruindo o amanhã.
Futuro refém da produção.
Casa em perigo.
Homem órfão de sua natureza.
Destino de quem não parar: Criatura sem lar.
Um tesouro que o futuro irá se arrepender quando faltar.

A menina na janela que cultiva ao lado dela,
O hábito de cultivar está presente no Amar.
Em tempos de pandemia regue o que pode aflorar,
A esperança que dentro de si está guardada, pronta para transbordar.



CULTIVAR
ARTE POÉTICA
SABRINA CRISTINA BASTOS TEIXEIRA

Durante a pandemia, em par com uma comunidade de tradições afro-brasileiras do extremo leste da cidade de São Paulo - “Ile Axé Iyalodê Oyó” -, e a secretaria de saúde do município, desenvolvemos o Projeto Farmácia Viva - Awon Obirin para garantir atenção à saúde e acolher mulheres negras e não negras, vivendo e convivendo com HIV/ AIDS.

Com vistas nas experiências das práticas de cuidado da sabedoria ancestral, nos encontramos virtualmente todas as sextas, de julho a outubro, alicerçadas pela educação popular, para compartilhar o conhecimento sobre plantas medicinais, preparações caseiras de fitoterápicos e práticas terapêuticas populares, conversar sobre a vida e a saúde, e aprender estratégias para o bem-viver.



ESCALDA PÉS
FOTOGRAFIA DIGITAL
DANIELLE BARGAS



ORAÇÃO
FOTOGRAFIA DIGITAL COM EFEITO AQUARELA
ALANA DE SOUSA CARVALHO SOARES

Quando o mundo fechou, parou, estancou, paralisou, meus olhos se abriram. Minhas janelas se abriram. Meu coração ficou atento, tudo ficou escancarado.

O pedaço do mundo que me cabia usufruir ficou restrito a 170 metros quadrados de concreto, canos, azulejos, fios, tomadas.

Ficou presente, se fez real. Os poucos anos que eu supunha que me restavam encolheram. Perderam-se a expectativa da vida eterna, do sonho sonhado e não realizado, dos sonhos futuros.

Vejo tudo com uma claridade estonteante: pedra, árvore, cimento, pássaro branco, piche, calçada, rua, portão, porteiro, carro, bicicleta, flores, água, morro, edifícios, luzes, nuvem, Sol, sombra, vida alheia, criança, velho, estrelas, a grade, tudo enquadrado em janelas. Todos os humanos e seus olhares perdidos, olhando, espiando, procurando vida lá fora, lugar que não lhes é mais permitido estar.

Ele - o invisível, o indizível, o diminuto, o sorrateiro, o segundo coisa ruim, está aí, está por aí, não se sabe aonde, não se sabe como, não se sabe quando e nem o porquê. Por que eu, por que você, por que ele, por que aquele, por que muitos, por que os que já viveram muito, por que os que já batalhavam para viver, por que os que... todo mundo. Não faz distinção, quer todos.

Mostra a todos que não existe cor, raça, gênero, e etc. e tal. Resisto. O observo. Tento conhecer suas entranhas, suas manhas, suas manias, suas sutilezas, suas malvadezas.

Conhecer o inimigo é a melhor estratégia. Rezo, rezo, rezo.

Peço misericórdia ao Todo Poderoso, a Ele - o Altíssimo, o Onipotente, o Onipresente, com toda Fé que me é possível ter e armazenada desde sempre em meu espírito.

Aguardo uma resposta d'Ele, e que seja positiva, esperançosa, deslumbrante, potente, para todos os humanos. Ele que não me venha com nada de pouco, de pequeno, de inconsistente. Jogo todas as minhas cartas com Ele. É tudo ou Ele que vá para... ou para outra galáxia. Acho que Ele esqueceu quem eu sou, para que ele me mandou passar um tempo aqui nesse planeta Terra.

Vou continuar a jogar pesado. Quarentena gente.

Fiquem em casa.

In Memoriam

Jovem e velho amigo (aluno)

Otimista, alegre e ponderado

Sonhador, pacífico e saudosista

Empolgado, determinado e esperançoso

Em 2020 nos conhecemos

Um encontro breve e marcante

Determinado a um adeus

Eterno, ou como dizia você, um até breve

Seus sonhos findaram, mas a caminhada é infinda, assim era a sua crença...

Valéria da SilvaTrajano



JOSÉ
FOTOGRAFIA DIGITAL
JOSÉ EUDES

Sou alma que vê a vida passar no momento tempo, se esvair
na consciência vã de ainda pensar que temos mentes sãs...
Temos sim imperfeições que geram crescimento e
fortalecimento...

Sem faísca não há fogo, sem a dor não há amor,
Sem o frio não existe calor...

Sou quem sou e me sinto sem julgar, pois até a vida perfeita
passa num piscar...

Vim para acrescentar, se para isso preciso for errar,
tentando e insistindo, até acertar ...

Um poeta louco um ator sonhador e um professor num
mundo insano, só esperando o pano da cortina fechar, creio
eu ainda, um tempo para reflexionar e amar...

Por fim o aplauso final, com ponto sem vírgula e também
sem ponto final...

De volta para nossa verdadeira casa, nosso lar, aqui de volta
para os estudos, em nossa eterna e boa escola...

Preciso de silêncio
Para ouvir as ondas quebrarem
Na minha arrebenta-ção
Preciso dos meus momentos
Onde me enxergo por dentro
Anelo a minha atenção
Me chama, a voz interior
Baixinha, quer me falar
Preciso de reclusão
Sou feito de sons
De luz, papel e pena
Mas também sou apagão
Como a lua, tenho fases
Momentos que exteriorizo
E outros, de introspecção
Me calo, e não é tristeza
Me isolo, nada pessoal
E nem depressão
Preciso, de tempos em tempos
Em mim mergulhar
Reflexão
Perder tempo comigo
Me estabilizar, eu preciso
Conversar com meu botão
E quem quiser gostar de mim
Saiba que sou companhia
Mas levo na mala a solidão.

Preciso urgentemente
Encontrar as pessoas
Que nutro profundo carinho e amor de verdade
Admiração e respeito
Preciso saber se a saudade
Não é obra maliciosa
De alguém que nunca sentiu
Por trás do aparato tecnológico
Poluindo o meu cérebro
Com imagens e imaginações vãs sem sentidos
Preciso sentir o gosto precioso
Das pessoas que eu gosto
Que trazem nos olhos
O brilho colorido do Sol
E as veias dilatadas de esperança
Por rios serenos e caudalosos
De bem querências diversas
Preciso urgentemente abraçar fortemente
Os irmãos e irmãs que escolhi nas vidas diversas
Nessa estrada sem fim
O ponto de chegada
É o ponto de partida
Relógio marcando qualquer hora perdida
E colocar o papo em dia
Com alegria e picardia
De quem muito já sofreu
Com a invasão dos invisíveis
E as suas maldades costumeiras e certeiras
E verdadeiramente disposto
Saborear todos os gostos
Da amizade verdadeira.

Como é triste um palco vazio! Como faz falta a sua algazarra, faz falta o teatro, a dança, faz falta aquele frenesi. Do seu barulho de fundo, o bater das pancadas de Molière do seu Arlequim, as roupas garridas e quadriculadas, as discussões, o nervosismo, o frio na barriga, o silêncio na coxa antes de tudo começar. Sombras que se agigantam no palco, quando começam a declamar. Parecem fantasmas os atores. Hoje já não há palmas! Fazem falta os aplausos, aquele burburinho, o deslumbramento das luzes nas cenas, as vozes dos atores a contracenar, o rodopio dos corpos... Hoje é tudo inexistente, até arrepia aquele palco vazio, está tudo mudo, ficamos profundamente calados e absortos, é um pasmo completo... Quando é que isto muda? O palco cai, cansado, só vive de recordações, daquelas amizades para a vida. Olho e tenho uma visão, vários atores e atrizes em cena, cantando e dançando, atuando no seu melhor, ondas de aplausos... Foi tudo uma visão... Não há teatro, não há flores e nem agradecimentos, não há seiva nem melodia e ação, apenas, tudo dorme. A arte é urgente e não faz confissão, precisamos recomeçar, os aplausos precisam de atores... Como é triste um palco vazio, sem vozes, emoção, personagens e sem vida para representar e continuar...

NOSSOS AGRADECIMENTOS

A arte como forma de expressão humana pode ser revelada por meio da música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura, cinema, fotografia, arte sequencial, arte digital entre outras. Por intermédio dela podemos registrar e entender intenções, refletir e exprimir nossos sentimentos.

A composição e a organização dos textos e imagens, que vocês acabaram de apreciar discorrem uma narrativa, criada de maneira intuitiva e ilustrada com o rico material enviado por nossos colaboradores-artistas. Quando pensamos nesse projeto, não tínhamos ideia do que seria apresentado nesta publicação. No decorrer do processo de decupagem dos textos e imagens surgiram vários caminhos no desenho dessa narrativa.

A inspiração e a motivação para a criação deste trabalho coletivo foram concebidas de formas diversas, com diferentes sentimentos e manifestações. Aqui, a intenção não era influenciar nos temas e técnicas usadas, entretanto nos proporcionou uma experiência inesperada, na qual as obras interagiram, convergindo para o mesmo propósito. Os processos criativos desenvolvidos durante a pandemia mostraram novas reflexões de diferentes perspectivas no decorrer desse período.

Esperamos que o resultado final da publicação *“Expressões Artísticas durante a Pandemia”* tenha surpreendido vocês tanto quanto a nós. Agradecemos a todos os envolvidos, que nos proporcionaram a publicação desta obra, neste momento tão singular da nossa história.

Autores: Alana de Sousa Carvalho Soares · Ana Claudia Serpa · Ana Cristina Maciel · Ana Lucia Soutto Mayor · Ana Paula de Aquino Machado · Antonio Gonçalves · Barbara Moraes · Carmen Jussara Lucena de Vasconcellos · Claudia Teresa Vieira de Souza · Dalila Santos · Danilo de Jesus Queiroz · Danielle Bargas · Dulce Nascimento · Eduardo Oliveira Ribeiro de Souza · Erick Lota · Erik J. Costa · Isabela Cabral Félix de Sousa · Isabel Prado · Jacks Williams Peixoto Bezerra · Janilda Pinheiro de Souza · Jeane Viegas · João Batista Lopes Coelho Júnior · Jonathan Oliveira · Jorge Cavalcanti de Oliveira (Ginho) · José Eudes (*In Memoriam*) · Juliana Gonçalves Moura · Jussara Alves Galvão · Kim Silva Ramos · Leandro da Silva Pereira · Leandro Medrado · Leonardo Machado · Letícia Perucci · Luciana Farias · Luciana Rocha Mariz Clua · Luciana Teixeira de Farias · Marcela Cavallini · Mario Romano · Mauro Campello · Patrícia Castro Ferreira · Paulo Vasconcellos · Peter Illiciev · Raquel Nunes Mazziotti Rodrigues · Raquel Portugal · Regina Lúcia dos Anjos Porto · Roberto R. Ferreira · Roberta Rodrigues da Matta · Rodrigo da Cunha Méxas · Sabrina Cristina Bastos Teixeira · Sergio Magalhães · Silvana Aleixo · Tania C. de Araújo-Jorge · Thiago Gonzalez · Valéria da Silva Trajano · Venicio Ribeiro

Instituto Oswaldo Cruz (IOC/FIOCRUZ)

Pós-graduação *Lato sensu* Ciência, Arte e Cultura na Saúde (CACs) | Pós-graduação *Stricto sensu* em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS) | Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos (LITEB) | Laboratório de Hantaviruses e Rickettsioses (LHR) | Laboratório Interdisciplinar de Pesquisas Médicas (LIPMED)

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/FIOCRUZ)

Multimeios | Fiocruz Imagens

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)

Este livro foi editado em acesso aberto, podendo ser baixado e acessado *on-line* em *tablets*, *smartphones*, telas de computadores e em leitores de *ebooks*.

Produção Multimeios | ICICT | FIOCRUZ

Rio de Janeiro, fevereiro de 2021.

ISBN 978-65-87663-03-6



9 786587 663036

PATROCÍNIO



APOIO



REALIZAÇÃO

